

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

YURI BARBOSA SANTOS

**ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA:
ENTRE OCUPAR E INVADIR A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA [2014].**

BRASÍLIA
2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA:
ENTRE OCUPAR E INVADIR A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA [2014].**

**Trabalho de conclusão do curso em
Bacharel/Licenciatura em História pela
Universidade de Brasília.**

Orientador: Itamar Freitas de Oliveira.

BRASÍLIA
2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA:
ENTRE OCUPAR E INVADIR A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA [2014].**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira (Orientador)

Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria

Profa. Dra. Susane Rodrigues de Oliveira

Data da defesa: 15 de março de 2017

BRASÍLIA
2017

AGRADECIMENTOS

Dedico essa monografia a todos e todas que constroem a cultura libertária, ao Movimento Estudantil, Movimentos Sociais, autônomos(as), estudantes cotistas, da assistência estudantil e aos docentes; que buscam entender e contribuir com o processo histórico de abertura da Universidade a novos setores da sociedade.

A minha companheira Naomi e filho Ayô, Valdelice, Rhuan, Socorro, Cláudia, Paulo Pereira, Luiz, Estela e Maria, Iris e Fausto, P.D.C, K.F.H, ao movimento estudantil, Anarcopunk, Ocupação Mercado Sul Vive, meus alunos e alunas da Vivendo e Aprendendo; que me ensinaram sobre o amor e a vida em coletivo.

A Camila, Fernando, Esdras, Emmanuel, Tona, Daniel, Jaime, Tadeu, Hélvia, Bethânia, Larissa, Lia, Bill, Verona, Thais, Rasok, Zenas, Yuri, Davi, Germana, Rodolfo, Mel, Hugo, Eric, Lucas, Bibi, Mariana, Matheus, Luiz, Leo, Diego, Virgílio, Wesley, Guilherme, Glícia, Izaú, Marcela, Gabi, Jon, Maria Gabriela, Ray, Tayane, León, Ariel, Laranjinha, Marcelo, Letícia, Sandrinha, Celinha, Madrugua, Lúcio, Shayane, Isa, Heloá, Dianne, Nazaré, Marcela, Leila, Marinée e tantas outras pessoas que contribuíram com minha formação direta ou indiretamente. A Gabriel Mosna, amigo e libertário que viverá para sempre em minha memória, seu coração bomba nos atingiu com sua liberdade traduzida em seu modo de ser e viver.

Ao anarquismo e as Ocupações, por possibilitar minha autonomia e liberdade frente a uma sociedade elitista e branca que constroem uma repressão diária por meio de seu cultura e padrão de vida, comportamento e consumo materializado nas diferenças sociais. A todos e todas que não se calam, que não se deixam ser escravizados(as) pela “democracia” e a paz social; que só serve a parte da sociedade na manutenção de privilégios.

RESUMO

Este trabalho pretende desenvolver um estudo sobre os personagens e suas argumentações na experiência libertária das Ocupações. Utilizando como referência a Ocupação da Reitoria na Universidade de Brasília de 2014, sua página de comunicação e rede de contatos durante o evento, com o auxílio do conceito de Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey. Tendo como auxílio os clássicos anarquistas, fontes primárias e secundárias que deem ferramentas para uma compreensão do fenômeno e contextualização contemporânea do movimento a partir de seus próprios elementos de construção argumentativa da experiência libertária.

Palavras Chaves: anarquismo; zona autônoma temporária; ocupação.

ABSTRACT

This work intends to develop a study about the characters and their arguments on the libertary experience of the Ocupations. Using as reference the Rector's Office Occupation at the University of Brasília in 2014, its webpage and network build during the event, with the articulation of the Hakim Bey's concept "Temporary Autonomous Zone". Using also the classic anarchists, primary and secondary sources who give tools to an understanding of the phenomenon and contemporary contextualization of the movement from their own elements of argumentary construction of the libertary experience.

Keywords: anarchism; temporary autonomous zone; occupy.

SUMÁRIO

Introdução: do Anarquismo a Utopia Pirata.....	8
Ocupação e Zonas Autônomas Temporárias: esvaziando o poder por meio da Utopia Pirata.....	14
Entre Ocupar e Invadir a Universidade Pública.....	29
Considerações finais.....	53
Referências Bibliográficas.....	56

Introdução: do Anarquismo a *Utopia Pirata*

Este trabalho de conclusão de curso busca responder a pergunta: o que foi a Ocupação da Reitoria da Universidade de Brasília em 2014? Quais suas características? Quem são os personagens dessa vertente do Movimento Estudantil? Serão utilizadas como referência o estudo de Hakim Bey sobre as *Zonas Autônomas Temporárias* (TAZ¹); fontes libertárias e anarquistas em releituras históricas brasileiras dos “clássicos”; a página em rede social² de comunicação da Ocupação da UnB de 2014 e sua rede de contatos e ligações online; fontes contemporâneas dentro do Movimento Estudantil a partir dessa pesquisa da página e sua rede de contatos; análise do clipping dos jornais de grande circulação na cobertura do evento; documentos gerados pela própria Universidade de Brasília como seus relatórios anuais, levantamentos da educação superior no âmbito do Distrito Federal (DF) por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério da Educação (MEC).

Exploro reflexões sobre *propriedade privada, ação direta e apoio mútuo* em autores como Proudhon (1809-1865), Kropotkin (1842-1921), Woodcock e fontes primárias junto aos movimentos que compuseram e apoiaram a Ocupação de 2014. Os caminhos abertos pelo estudo de Hakim Bey ao buscar definir a TAZ por meio da perspectiva de uma das suas ideias centrais; a *Utopia Pirata*. A partir disso; surgimento dos *Squats*, Zines anarquistas e libertárias, formação do *Bando*, relação dos(as) libertários(as) com o trabalho, dos conceitos de *levante, insurreição e revolução*, da *psicologia da vida cotidiana*, da *operação ocultista*, o código pirata e a organização da Ocupação, do espírito *das comunas*, música, *tática de desaparecimento*, representações online da *net* e *contranet* a partir da página de comunicação da Ocupação.

As pesquisas que contribuíram para esse estudo começam a partir de vivências pessoais dentro do Movimento Anarcopunk³, essa tendência anarquista imergiu dentro

¹ Abreviação de *Temporary Autonomous Zone* [tradução livre].

² Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb>>, último acesso em: 27 de fevereiro de 2017.

³ ARAÚJO JUNIOR, Carlos Ferreira de. *A hora da vingança [manuscrito]: astúcia e experiência anarcopunk nas cidades de Campina Grande-PB e João Pessoa-PB (1988-2006)*. Universidade Estadual de Pernambuco, 2010. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2561/1/PDF%20-%20Carlos%20Ferreira%20de%20Ara%20C3%BAjo%20J%20C3%BAnior.pdf>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

da cultura punk no final da década de oitenta no Brasil. Foram nesses espaços de manifestação do pensamento libertário ao longo dos últimos 12 anos que tive contato com autores, anarquistas, textos do meio libertário, manifestações, presenciando as ocupações anteriores e participando da Ocupação da Reitoria da Universidade de Brasília em 2014 na comissão de comunicação. Em 2008 participei da minha primeira Ocupação na Câmara Legislativa do Distrito Federal e atualmente resido no Mercado Sul na cidade de Taguatinga, que têm recebido a Ocupação Cultural Mercado Sul⁴ desde 2015, cada vez mais reconhecimento na mídia, sociedade e governo.

O Anarquismo é um objeto de estudo que já foi alvo de diversas abordagens ao longo do tempo. Presente nos cinco continentes a pelo menos 150 anos, sua compreensão tem sido estigmatizada pelo senso comum determinados aspectos teóricos. Segundo Corrêa e Silva em suas pesquisas sobre a História do Anarquismo; “O conjunto restrito de autores e episódios e o foco em grande medida eurocêntrico aparecem em praticamente todo o conjunto desses estudos.”⁵.

As “novas pesquisas sobre o anarquismo” - no Brasil representado por Felipe Corrêa⁶ e Rafael Viana da Silva⁷ - tiveram vivências entre a academia e o Anarquismo como prática; permitiram aos autores o contato dialética entre realidade e teoria avançando em suas investigações. Respaldados em vasta bibliografia - cujo acesso privilegia o eixo Rio-São Paulo - disponível em bancos de dados e arquivo como; o Arquivo Edgar Leuenroth (UNICAMP), Biblioteca Social Fábio Luz (Rio de Janeiro), Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) e Biblioteca Terra Livre^{8,9},

⁴ Disponível em: <<http://www.mercadosul.org/>>, último acesso em: 27 de fevereiro de 2017.

⁵ CORRÊA, F.; SILVA, R. V. *Anarquismo, teoria e história*. 2014, 48 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/9856007/Anarquismo_Teoria_e_Hist%C3%B3ria>, último acesso em: 13 de outubro de 2016.

⁶ Editor pós-graduado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e mestre pela Universidade de São Paulo (EACH), no programa de Mudança Social e Participação Política. Membro da Comissão Editorial Faísca Publicações e do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA).

⁷ Historiador graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrando da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-graduação em História. Membro da Comissão Editorial da Faísca Publicações e do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA).

⁸ Disponível em: <<https://bibliotecaterralivre.noblogs.org/>>, último acesso em 13 de outubro de 2016.

⁹ Importante lembrar que outros espaços também contribuem com o compartilhamento e acesso aos textos e produções Anarquistas como a “Biblioteca Virtual Anarquista” (Disponível em: <<http://www.anarquista.net/biblioteca-virtual-anarquista/>>, último acesso em: 13 de outubro de 2016.),

seus estudos conseguem sistematizar os principais problemas epistemológicos dos clássicos e avançar nas pesquisas sobre Anarquismo.

Fazem parte dessa nova perspectiva, africanistas como Lucien van der Walt e Michael Schmidt, que vem trabalhando há mais de dez anos na série *Counter-Power*, formado por um livro de base teórica intitulado *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism* (Schmidt; van der Walt, 2009) e outro de base histórica, o *Global Fire: 150 fighting years of international anarchism and syndicalism* (Schmidt; van der Walt, no prelo). Ambos os autores são as principais referências historiográficas na construção do texto *Anarquismo, Teoria e História*, lançado por Corrêa (2014) e Silva (2014).

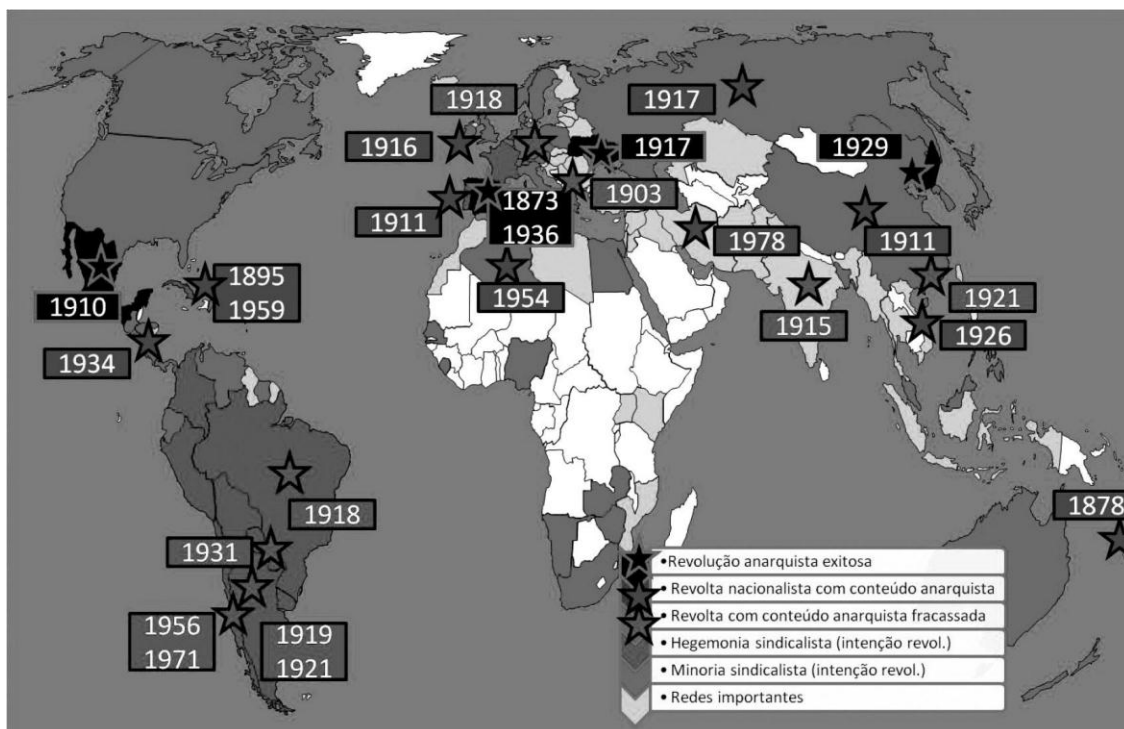


Figura 1 - Schmidt apud Corrêa e Silva, 2012b, slide 14. Na Imagem: 150 anos de anarquismo nos 5 continentes do globo segundo a pesquisa de Schmidt.

Como indicam Corrêa e Silva (2014), os primeiros estudos teóricos sobre Anarquismo foram realizados pelo alemão Paulo Eltzbacher (1868-1928) cuja análise baseou-se em “sete sábios”: William Godwin, Proudhon, Stirner, Bakunin, Kropotkin, Benjamin Tucker e Liev Tolstoi. A conclusão é de que as escolhas de fontes narrativas

Biblioteca do site “Anarcopunk” (Disponível em: <<http://anarcopunk.org/biblioteca/>>, último acesso em: 13 de outubro de 2016.), Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí (GEAPI) (Disponível em: <<http://anarquistas-pi.blogspot.com.br/>>, último acesso em: 13 de outubro de 2016.), da União Popular Anarquista (UNIPA) (Disponível em: <<https://uniaoanarquista.wordpress.com/>>, último acesso em: 13 de outubro de 2016.) e tantos outros coletivos, grupos ou iniciativas autônomas.

não levaram em conta os fenômenos históricos do Anarquismo e restringiram o estudo geograficamente ao eixo norte.

A participação popular e presença do Anarquismo na sociedade foram compreendidas de perspectivas distintas ao longo do tempo. Para Kedward o fenômeno nunca foi popular. Já para Horowitz, Guérin e Joll teria se mantido vivo até a Revolução Espanhola que marcaria o esfriamento rumo ao fim do Anarquismo (CORRÊA, F.; SILVA, R. V., 2014). A questão abrange elementos historiográficas que influenciam nas compreensões epistemológicas sobre o fenômeno. Entre os autores que influenciam esse debate está o historiador e marxista britânico Eric Hobsbawm. Seus livros estão entre os mais lidos nos cursos de História Contemporânea nas graduações de História no Brasil. Em “A Era dos Extremos”¹⁰ - na única passagem sobre o Anarquismo - o autor afirma que:

(...) o anarquismo fora muito mais uma ideologia impulsora de ativistas revolucionários que o marxismo em grandes partes do mundo. (...) Na década de 1930 o anarquismo deixará de existir como força política importante fora da Espanha, mesmo na América Latina, aonde a bandeira vermelha e preta tradicionalmente inspirara mais que a vermelha.¹¹

A associação histórica do Anarquismo com o Marxismo foi impulsionada durante anos como epistemologia de análise. As divergências entre Karl Marx e o Bakunin - dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT, fundada em 1864) - ecoaram até a atualidade dentro dos núcleos teóricos e práticos de discussão política. Como aponta Valladares¹², “os anarquistas continuavam defendendo a possibilidade de uma revolta espontânea (...) já Marx insistia na necessidade de um período intermediário da ditadura do proletariado e de uma organização política dos trabalhadores.” (Ibidem, p. 25). Para subsidiar a fuga desses padrões eurocêntricos, buscarei utilizar fontes secundárias como cartas de anarquistas do passado, manifesto de coletivos e guias de estudo e formação política dos grupos que agregaram o processo de Ocupação da UnB a partir do levantamento da rede de contatos feitos pela página de comunicação.

¹⁰ HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 245 p. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Eric%20Hobsbawm-1.pdf>>, último acesso em 25 de novembro de 2016.

¹¹ Ibidem, p. 67.

¹² VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e Anticlericalismo*. São Paulo: Editora Imaginário. 2000, 93 p.

O saudosismo é apontado por Joll (1970) que associa o Anarquismo a uma cultura de “artesãos e camponeses”. Hobsbawn (1995) narra a inadequação do Anarquismo à sociedade moderna. A falta de influência sobre a classe média e operária por carecerem de “concretismo e precisão tranquilizadores que elas desejavam”¹³ é apontada por Woodcock (1984). Essas são algumas das conclusões que distanciam epistemologicamente os estudos da experiência vivencial - pois limita a aproximação do objeto de estudo - pouco contribuindo para a definição da Ocupação da UnB, a partir de sua própria construção identitária de grupo.

A análise etimológica do Anarquismo a partir do grego foi apresentada por autores como Kropotkin¹⁴, significando “contrário a autoridade” (1987, p. 19) e para Woodcock¹⁵ como “sem governante” (1983, p. 8). Essas concepções, já conhecidas e amplamente difundidas, trazem problemas teóricos, como a falta de historicidade ao buscar localizar no tempo-espaço o objeto de estudo quando usada como fundamento de definição do Anarquismo.

É por isso encarado como relevante a discussão e busca de definição do movimento de Ocupação a partir de caminhos deixados por suas marcas no tempo, por meio da reflexão sobre os registros da página em rede social usada fonte e seu cruzamentos com Bey e “as novas correntes do anarquismo”. Com o registro da rede de comunicação e seu histórico público na *web*, a página como fonte dos próprios personagens a partir da investigação dessa rede de contatos e informações acumuladas durante os 5 dias de Ocupação será o caminho de pesquisa e investigação. Nesse sentido, a escolha de Bey (1985) e suas definições ao longo do seu texto nos darão os elementos necessários para uma aproximação que reconheça os elementos constituintes da formação e compreensões do *Bando*; do coletivo de *Okupas* da Ocupação.

Esses são alguns dos principais problemas teóricos encontrados na bibliografia acadêmica e apontados pelo estudo referencial de Corrêa e Silva, além dos caminhos abertos por Bey. Avançaremos agora sobre o conceito de *Zona Autônomas Temporárias*

¹³ WOODCOCK, Jorge. *Anarquismo. Uma história das ideias e movimento libertários. Vol. 2. O movimento*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984. p. 199.

¹⁴ KROPOTKIN, Piotr. *Anarquismo*. In: TRAGTENBERG, Maurício (org.). *Kropotkin: textos escolhidos*. Porto Alegre: LP&M Editores, 1987.

¹⁵ WOODCOCK, Jorge. *Anarquismo. Uma história das ideias e movimento libertários. Vol. 1. A ideia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983.

para buscarmos elementos que subsidiem uma reflexão sobre Ocupação no capítulo seguinte, tendo como referência as “novas pesquisas sobre anarquismo” e as fontes primárias e secundárias a serem analisadas nos próximos dois capítulos. O primeiro identificando os elementos que constroem a TAZ e o segundo os autores e suas compreensões e definições; a partir dos parâmetros de Bey (1985) e dos registros na página e sua rede de contatos.

O trabalho e responsabilidade social do Historiador estão em seu reconhecimento da diversidade, dos silênciamentos no tempo-espço das ações banalizadas pela historiografia clássica ligado ao Estado e a Igreja tão criticadas por Bakunin. A busca do reconhecimento de novas fontes e maneiras de leituras das mesmas em espaços artificiais em constante mudança é tarefa árdua, mais necessária e essencial para o reconhecimento dessa realidade que se faz cada vez mais presente. Esse trabalho busca dar mais um passo nesse sentido, dando voz a história de uma Utopia.

Capítulo 1 - Ocupação e Zonas Autônomas Temporárias: esvaziando o poder por meio da *Utopia Pirata*

(...) a TAZ é um microcosmo daquele “sonho anarquista” de uma cultura de liberdade, não consigo pensar em tática melhor para prosseguir em direção a esse objetivo e, ao mesmo tempo, viver alguns de seus benefícios aqui e agora.¹⁶

O anarquismo teve diversas estratégias de ação política¹⁷, uma delas se popularizou junto as Comunas: as *Ocupações*, ou, *Zonas Autônomas Temporárias* (BEY, 1985). A tática parte de princípios anarquistas como o fim da propriedade privada, uma discussão feita ao longo de toda História do Anarquismo e que perpassa textos como o dos “sete sábios do anarquismo”¹⁸.

Tendo em vista que o fenômeno se dá sobre um evento anarquista, devemos nos lembrar da dinâmica e expectativa libertária, segundo Hakim Bey (2006) em seu texto sobre Anarquismo e o fim da História¹⁹:

a meta da Anarquia é nunca existir por mais que um certo período. Em todo lugar e todas as relações humanas sempre podem ser reduzidas a instituições que por sua vez podem se degenerar em governos.²⁰

Junto a esse fator de organização e expectativa, a propriedade privada e sua definição pode nos ajudar na aproximação da TAZ. Dois textos do filósofo e

¹⁶ BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. Coletivo Sabotagem, 1985, 41 p. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf>, último acesso em 1 de dezembro de 2016.

¹⁷ Ação direta, anarcoterrorismo, *black block*, freeganismo, anarcofeminismo, cosmopolitismo, amor livre, organização sindical, greves e greves gerais, criações na área da música, artes e estética entre tantas manifestações como busco exemplificar ao longo do texto.

¹⁸ Segundo Corrêa e Silva (2014), os autores europeus: William Godwin, Proudhon, Stirner, Bakunin, Kropotkin, Benjamin Tucker e Liev Tolstói.

¹⁹ BEY, Hakim. *Declaration from the First Temple; Army of Illogically Good Humored. Originally entitled; “The Willimantic/Rensselaer Questions”*, Hakim Bey, *Anarchy and the End of History*, pp.87-92 in EL, Brother Shak. *Qiyamat Now! Collected articles from the zine: Qiyamat: a newsletter for friends of the Imam*. Ozark Bioregion, USA: Ed. Jim Davis, 2006, p. 46-140. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=A0txAgAAQBAJ&lpg=PA42&ots=KBgrWixZBY&dq=The%20Willimantic%2FRensselaer%20Questions&hl=pt-BR&pg=PA45#v=onepage&q=The%20Willimantic/Rensselaer%20Questions&f=false>>, último acesso em 2 de dezembro de 2016.

²⁰ Ibidem, p. 30-31.

economista francês Pierre-Joseph Proudhon²¹ são referências na discussão sobre propriedade e nos ajudam a compreender a diferença entre invadir e ocupar: *O que é a propriedade?* e *A propriedade é um roubo* ambos de 1840. O autor defende a tese de que a escravidão seria como cometer um assassinato as vontades e demanda pessoais e a propriedade seria um roubo já que o “proprietário” não cumpriria com a justiça social ao monopolizar um direito comum a todos os seres a partir de sua razão de sociedade e justiça. Ele diferencia posse e propriedade, aponta que o primeiro é um direito de todos enquanto o segundo se faz um roubo frente a injustiça contida em privatizar algo de proveito comum a sociedade. Em seu diálogo, o autor defende a todo momento seu ponto de vista da justiça social e afirma que:

sim, todos os homens acreditam e repetem que a igualdade de condições é idêntica à igualdade de direitos; que propriedade e roubo são termos sinônimos; que toda proeminência social, concedida ou, para melhor dizer, usurpada sob pretexto de superioridade de talentos e de serviço, é iniquidade e pilhagem: todos os homens, eu digo, atestam estas verdades em sua alma; trata-se só de fazê-los descobrir.²²

Autores clássicos como Proudhon começaram essa discussão que sobrevive até hoje nos movimentos libertários. A tese do Coletivo Pedagogia em Luta²³ intitulada “Por uma Educação a serviço do povo” explica ao longo de sua reflexão sobre o sistema de seleção para o Ensino Superior que:

a luta pela democratização do acesso/permanência no sistema de ensino é também uma luta por melhores condições de vida, juntamente com a luta por uma saúde pública e gratuita, por transporte eficiente etc., e não é recente nos movimentos sindicais e estudantis, assim como em grupos e partidos políticos de esquerda. (...) Cada vez mais é uma maneira que o governo encontra de fazer um funil injusto e cobri-lo de legitimidade meritocrática.

Invadir é associado no discurso a compreensões que reconhecem a propriedade privada. Enquanto Ocupar estaria mais ligado ao sentido que Hakim Bey procura traçar uma reflexão junto as TAZ por meio da *Utopia Pirata* em suas ocupações territoriais ao longo do Caribe.

²¹ PROUDHON, Pierre Joseph. *A propriedade é um roubo e outros textos anarquistas*. Tradução de Suely Porto. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008, 152 p..

²² PROUDHON, Pierre-Joseph. *A propriedade é um roubo*, 2013. p. 5. Texto disponível em: <<http://anarquista.net/wp-content/uploads/2013/08/a-propriedade-e-um-roubo-proudhon.pdf>>, último acesso em 12 de outubro de 2016.

²³ Coletivo ligado a RECC na Universidade Federal do Ceará (UFC), a construção da tese se deu em virtude do VII Congresso de Estudantes da UFC entre 18 e 20 de novembro de 2011 no Campus Pici, em Fortaleza. Disponível em: <http://redeclassista.blogspot.com.br/2011_12_01_archive.html>, último acesso em 3 de janeiro de 2017.

A assinatura como Hakim Bey (1985) é um codinome para o historiador, escritor e poeta norte-americano Peter Lamborn Wilson. Suas teorias libertárias surgiram a partir das pesquisas sobre o Sufismo²⁴ e a Pirataria no século XVII, o seu livro de maior impacto é o *Zona Autônoma Temporária* lançado em 1985 e distribuído sem direitos autorais pelo autor. O livro é composto por oito capítulos, três apêndices e outros dois textos que juntos compõem um estudo libertário desses espaços que misturam anarquismo e pirataria em uma resistência de esvaziamento do poder a partir da experiência coletiva nos navios e áreas de controle pirata.

O autor desenvolve uma perspectiva histórica de ocupação a partir da reflexão da organização pirata no século XVII, seu texto busca identificar na organização pirata dos espaços autônomos em ilhas e locais afastados aonde a gestão do lugar era feita pelos próprios(as). Essa organização autônoma e distante dos governos seria uma ligação com o passado - presente em diversos outros momentos da história da humanidade e das lutas contra o poder - aonde “mini-sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre.” (Op. Cit., p. 3). Nessas *Utopias Piratas*, as TAZ deveria ser percebida como “algo mais do que um ensaio (“uma tentativa”), uma sugestão, quase que uma fantasia poética.”²⁵. O autor procura não definir o conceito, apontado uma auto explicação contida no próprio conceito e em sua narrativa. Em seu texto sobre o Anarquismo e o fim da História, ele define uma sociedade anarquista em funcionamento:

sempre que duas ou mais pessoas mutuamente direcionam seus esforços na organização de uma parceria legítima, com o objetivo de alcançar desejos compartilhados (ou complementares). Nenhum governo é preciso para estruturar um encontro oculto, um jantar festivo, um mercado negro, uma tong (ou sociedade secreta de ajuda mútua), uma rede de correspondências ou uma BBS, uma relação amorosa, um movimento social espontâneo (como eco-sabotagem ou ativismo contra a AIDS), um coletivo artístico, uma comuna, um encontro pagão, uma vizinhança associada para a proteção mútua, um clube de entusiastas, uma praia de nudismo, uma Zona Autônoma Temporária. A chave,

²⁴ Corrente mística dentro do Islamismo que busca a partir da abstenção do prazer, riqueza e prestígio atingir uma experiência pessoal direta com Deus. Considerados hereges em locais que seguem o alcorão com ortodoxia como na Arábia Saudita.

²⁵ Ibidem, p. 4.

como Fourier²⁶ teria dito é a paixão - ou, para usar uma palavra que possa soar mais moderna, o desejo.²⁷

Interessante notar que a origem da palavra *Utopia*²⁸ está ligada ao livro publicado em 1516 pelo inglês humanista Thomas More (1478-1535), uma das principais fontes para elaboração das teorias Marxistas, logo, de grande impacto no século XIX europeu aonde os referências europeus contidos nos “sete sábios” estavam em formação. O livro conta a história da Ilha de Nenhures recentemente descoberta no “Novo Mundo”, a construção etimológica da palavra *Utopia* costuma estar ligada a construção a partir do grego junto o advérbio grego *ou* - “não” - ao substantivo *topos* - “lugar”. Também é atribuído a palavra grega *eutopia* - lugar “feliz” ou “afortunado”.

A história é contada pelo personagem Hitlodeu (“especialista em disparates”), ele narra a ilha no continente Americano ao qual teria visitado e aonde não existe fome ou falta de moradia, um sistema extremamente igualitário para o século XVI é descrito. Ele narra a geografia da Ilha, sua vida material, costumes, organização do governo, da estrutura das famílias, das formas de trabalho, distribuição da propriedade coletiva, educação, linguagem e tantos outros elementos que constroem a narração de um lugar tão distante do universo europeu do autor à época.

Ao descrever as casas de *Utopia*, More faz a descrição apontando que:

cada casa tem uma porta principal que dá para a rua, e uma porta dos fundos que dá para o jardim. Nenhuma dessas portas é fechada a chave, abrindo-se a um simples toque e fechando automaticamente após a saída de alguém. Assim, todos podem entrar e sair, pois ali inexistente a propriedade privada.²⁹

Essas referências do passado, podem ser acompanhadas de várias outras ao longo da História. Um século após Thomas More, temos o surgimento do termo inglês *Squat* para designar ocupações a partir do movimento dos *Diggers* (“Escavadores”). Em meio a um século XVII feudal e marcado pela Guerra Civil na Inglaterra, um grupo com reivindicações de teor socialista, agrário e cristão anticlerical foram realizadas pelo

²⁶ François Marie Charles Fourier (1772-1837), socialista francês com tendências libertárias criticando o economicismo, capitalismo, industrialização, civilização urbana, liberalismo, família monogâmica e matrimônio.

²⁷ Op. Cit., p. 33.

²⁸ MORE, Thomas. *Utopia*; tradução Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

²⁹ Ibidem, p.79.

grupo que tinha em sua crítica social posicionamentos contrários a propriedade privada e ideias oriundas desse sistema para construção de uma vida comunitária baseada na igualdade econômica.

Na contemporaneidade, o termo e prática ganharam nova força com a formação do coletivo Anarcopunk inglês CRASS (1977-1984), o grupo defendia uma postura de vida e política anarquista dentro do movimento punk que movimentava os centros urbanos durante esse período. Sua vivência era marcada pela vida em coletivo permeada pela ideia de *Do It Yourself* (“faça você mesmo”), a ideia de que o próprio meio e necessidades pessoais dos grupos devem movimentar suas atividades diárias, uma proposta de autonomia frente a sociedade de consumo (ARAÚJO JUNIOR, 2010). O termo *Squat* ou *Squater* pode ser traduzido como *Okupa* nos ambientes libertários latinos americanos, existem espaços ocupados com desenvolvimento de atividades Anarcopunks ao longo de vários países da América latina e no mundo³⁰.

Um Zine³¹ lançada no Uruguai por libertários(as) intitulada *Manual ilustrado del Pequeño Okupante*³² discute questões como construção de hortas, de banho seco, além de questões legais e políticas ligadas ao processo de ocupação. No editorial, o texto procura alertar ao leitor que:

*la ocupación como forma de solucionar el problema del techo de manera autónoma y como una instancia más de la lucha de los más oprimidos contra la injusticia de este mundo absurdo. Sentirnos orgullosos, tener nuestro propio lenguaje, transmitirnos conocimientos y prepararnos para resistir es la labor que nos pusimos desde un pequeño la autonomía integral para todos los individuos.*³³

³⁰ No Brasil, a plataforma anarcopunk.org disponibiliza uma série de materiais e referências. Disponível em: <<http://anarcopunk.org/>>, último acesso em 2 de novembro de 2016.

³¹ Informativo em formato de jornal anarquista, Anarcopunk e/ou libertário em formato de baixo custo. Nos meios libertários e anarquistas esse tipo de publicação de baixo custo está presente constantemente, muitos periódicos anarquistas brasileiros como *A Lanterna* (1901-1935) e *A Terra Livre* (1954-1964) ou *O Anarchista fluminense* (1835) que discursa sobre uma perspectiva Anarquista anos após a independência estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira. Assim como periódicos conservadores como *O Grito da Pátria - Contra os Anarquistas* (1831-1832) e *Triunfo da Legitimidade - Contra Facção de Anarquistas* (1825-1826) que defendem um conservadorismo que pode indicar caminhos de compreensão sobre o imaginário e processo de relação da população brasileira com o Anarquismo. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>, último acesso em 5 de outubro de 2016.

³² *Manual Ilustrado del Pequeño Okupante. Uruguai, 2014, 8 p.* Disponível em: <<http://machorka.espivblogs.net/2014/02/03/manual-ilustrado-do-pequeno-okupante-uruguay/>>, último acesso em 12 de outubro de 2016.

³³ *Ibidem*, n.p.

Entre essas reflexões, textos clássicos e de referência, os estudos das “novas pesquisas sobre anarquismo” apontam os problemas teóricos contidos no eurocentrismo dos estudos dos temas libertários e dos Anarquismos que pode ser apresentado de diversas perspectivas (VALLADARES, 2000). Algumas associações do nascimento do movimento aos instintos mais primordiais do ser humano - tal qual Kropotkin no século XIX - afirmando a liberdade como um instinto básico e inerente aos seres humanos é um discurso de época sem base histórica, o que não lhe nega mérito em sentido. A liberdade como sentimento pode ter mobilizado muitas lutas, sua presença é inegável em diversos eventos históricos da história humana.

A reflexão histórica que dialoga com esses elementos em Bey (1985) no seu segundo capítulo, vem de sua diferenciação de *Levante*, *Insurreição* e *Revolução*. O autor trava esse debate ao discutir o conceito de Revolução dentro da História, segundo ele, um *levante* seria um movimento fora do padrão do método historiográfico de perspectiva epistemológica, algo “além da espiral hegeliana do “progresso””³⁴, ou seja, o *levante* e a *insurreição* trariam consigo o elemento criativo da sociedade que a revolução observada pela teoria histórica não alcançaria; “um adeus a essa miserável paródia da roda cármica, histórica futilidade revolucionária”³⁵.

Bey (1985) acusa o método histórico de reconhecer a revolução apenas quando observado conquista de “permanências”, quando há elementos que indiquem longa duração diferente do *levante* que seria temporário. Essa diferenciação seria uma das características importantes das TAZ, pois sua falta de “permanência” seria benéfica já que “a visão ganha vida no momento do levante - mas assim que a “Revolução” triunfa e o Estado retorna, o sonho e o ideal já estão traídos.”³⁶. Essa falta de elementos que gerem o reconhecimento do Estado frente a essa forma de organização e militância política, traria as TAZ o grande benefício de ser invisível frente a uma História e Estado que não o definiriam frente sua linguagem. Sua reflexão lembrou a famosa frase do irlandês George Bernard Shaw³⁷ que costumava afirmar que: “O homem sensato

³⁴ Op. Cit., p. 5.

³⁵ Ibidem, p. 5.

³⁶ Ibidem, p. 5.

³⁷ Ativista político, dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista ligado ao Socialismo Fabiano oriundo do final do século XIX que buscava defender a classe operária defendendo o controle dos meios de produção pelos mesmos.

adapta-se ao mundo. O homem insensato insiste em tentar adaptar o mundo a si. Sendo assim, qualquer progresso depende do homem insensato.”³⁸.

Essa insensatez é desenvolvida no capítulo seguinte intitulado *A Psicotopologia da Vida Cotidiana*, uma “psicologia da libertação”. O autor leva em consideração a formação dos Estados nacionais e o papel do nacionalismo na elaboração da identidade cultural ocidental, segundo ele “nenhum centímetro quadrado de Terra está livre da polícia ou dos impostos... em teoria”³⁹. Seu enigma final é uma abertura para refletir sobre o conceito de *Bando* dentro da TAZ. A formação ocidental teria junto ao nacionalismo a família como referências identitárias, essa seria “fechada, geneticamente, pela posse masculina sobre mulheres e crianças, pela totalidade hierárquica da sociedade agrícola/industrial.”⁴⁰

Em contrapartida, o *Bando* seria um modelo paleolítico mais primário e radical. Ele relembra os grupos nômades e semi-nômades formados por pequenas agrupações humanas, “o bando não pertence a uma hierarquia maior, ele é parte de um padrão horizontalizado de costumes, parentescos, contratos e alianças, afinidades espirituais, etc.”⁴¹. O conceito nos possibilita adentrar esse paradoxo relacional “cigano”, aonde esses “viajantes psíquicos guiados pelo desejo e pela curiosidade, (...), desligados de qualquer local ou tempo determinados, em busca de diversidade e aventura...”⁴². Entender a identidade individual dentro desse coletivo horizontal e orgânico formado na formação das TAZ pode contribuir no deslocamento de nossa realidade para essa outra forma de organização espacial e psíquica - como farei no próximo capítulo ao avançarmos na análise sobre a página de comunicação da Ocupação da UnB de 2014.

Seu estudo explora a Internet como elemento da TAZ, sua reflexão vem a partir do conceito de *net* como a “totalidade de todas as transferências de informação e de dados”⁴³. A estrutura não hierárquica dessa troca de informações seria a *web*, de onde

³⁸ BARRETO, Roberto Menna. *Ideais sobre Ideias: mais de 500 pensadores inspiradores sobre criatividade*. São Paulo: Summus Editora, 2002. p. 66.

³⁹ Op. Cit., p. 8.

⁴⁰ Ibidem, p. 9. - marcação do próprio autor.

⁴¹ Ibidem, p. 9.

⁴² Ibidem, p. 11.

⁴³ Ibidem, p. 12.

emerge a *contra-net* como *ação direta*⁴⁴. Também faz parte da *web* a imprensa física por meio da “(...) rede marginal de zines, as redes BBS⁴⁵, softwares piratas, grampos telefônicos, alguma influência na mídia impressa e no rádio e quase nenhuma nos outros grandes canais de comunicação.”⁴⁶ ou uma página em rede social, como na Ocupação de 2014 da UnB.

Esse bando e suas ferramentas são apresentadas por Bey (1985) que chama a atenção para a influência das estruturas da realidade sobre o mundo da informação, para isso, podemos analisar a representação de Anarquismo e Ocupação para um dos maiores sites de busca de informação na Internet - associado a uma empresa multinacional e com livre acesso a informações privilegiadas como indicam os processos jurídicos nacionais e internacionais movidos contra a Google⁴⁷ por invasão de privacidade. Segundo a pesquisa no principal localizador do globo, Anarquismo é:

1.

fil hist pol teoria social e movimento político, presente na história ocidental do século XIX e da primeira metade do século XX, que sustenta a ideia de que a sociedade existe de forma independente e antagônica ao poder exercido pelo Estado, sendo este considerado dispensável e até mesmo nocivo ao estabelecimento de uma autêntica comunidade humana.

2.

p.ext. qualquer ataque ou afronta à ordem social estabelecida ou aos costumes reinantes.⁴⁸

A definição de Anarquismo, no primeiro ponto, explora filosofia, história e política, e limita geográfico-temporalmente; do século XIX até a primeira metade do século XX, tal qual aponta HOBBSAWN (1995) e as conclusões de Corrêa e Silva

⁴⁴ Segundo a anarquista norte-americana Voltairine de Clayre (1866-1912), escritora do texto *Desobediência civil: fundamentos da ação direta*; “Qualquer um que sempre pensou por si próprio, que usou seu direito de livre expressão, e corajosamente reafirmou isto juntamente com outros que compartilham de suas convicções, foi um praticante da ação direta.” (2009, p.5). Disponível em <<http://www.cntgaliza.org/files/fundamentosAsaoDireta.pdf>>, último acesso em 23 de novembro de 2016.

⁴⁵ Rede social usada durante a década de 1980 e 1990 antes da chegada da Internet.

⁴⁶ Op. Cit., p. 12.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/>>, último acesso em 03 de outubro de 2016. Suas definições são apontados por contadores textuais de compartilhamento em sites na web.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=anarquismo>>, último acesso em 03 de outubro de 2016. A definição é apresentada pelo site tendo em vista que é compartilhada por 21 sites diferentes se tornando o mais visível na web.

(2014) ao afirmar o eurocentrismo na construção da História Anarquista nos ambientes acadêmicos. Ainda termina com o segundo ponto por extensão (“*p. ext.*” - analogia) onde o Anarquismo seria “qualquer ataque ou afronta à ordem social estabelecida ou aos costumes reinantes.”. Como qualquer resposta curta, a definição deixa mais perguntas do que respostas, porém, pode servir de parâmetro para pensarmos as várias representações do Anarquismo em meio a realidade do século XXI e a importância dada aos processos de insurgências e revolução na sociedade em suas representações sociais.

Para o mesmo site de busca, Ocupação significa:

1.

ato de apoderar-se de algo ou de invadir uma propriedade; posse.

2.

ato de trabalhar em algo; o próprio trabalho a ser executado ou que se executou; serviço.⁴⁹

Como o próprio resultado acusa, sua percepção sobre o conceito de Ocupação se dá por meio da propriedade privada e da posse - problema já discutido a algumas páginas com o auxílio de Proudhon (2013), More (1999) e Bey (1985; 2006). Ainda avança no segundo ponto valorizando a Ocupação como o ato de trabalhar, de desenvolver uma função social dentro da sociedade em questão. Esse último ponto nos leva a pensar a partir das reflexões Anarquistas sobre o trabalho, em especial dentro da cultura libertária, ou, Ácrata.

Hakim Bey fala da recusa ao trabalho como forma de resistência, empregos informais e autônomos, a negação a Igreja por meio de práticas espirituais mais livres e autônomas, recusa ao lar tradicional como uma virtude aventureira compartilhada por muitos andarilhos urbanos e a recusa da arte que teria virado mercadoria. Para Bey; “a TAZ é o único “lugar” e “tempo” possível para a arte acontecer pelo mero prazer criativo”⁵⁰ contribuindo para o fortalecimento da TAZ por meio da manifestação - “a arte será uma condição da vida.”⁵¹.

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=ocupacao>>, último acesso em 3 de outubro de 2016. A definição é apresentada pelo site tendo em vista que é compartilhada por 34 sites diferentes se tornando a mais visível na web.

⁵⁰ Op. Cit., p. 29.

⁵¹ Ibidem, p. 30.

Bey (1985) segue falando sobre a *operação ocultista*, um plano para o “Novo Mundo” (Américas) que segundo ele tem em suas origens o consultor espiritual John Dee (1527-1608) de Elizabeth I (1533-1603)⁵². Este, teria criado o “imperialismo mágico”⁵³, que logo teria se popularizado dentro dos ambientes de pensadores de vanguarda e aristocratas. Dentre eles Walter Raleigh (1552 ou 1554 - 1618) um escritor, poeta, corsário e explorador inglês que entre 1584 e 1585 fundou o primeiro núcleo de colonização inglesa na Ilha de *Roanoke*, incentivando as “causas da exploração, colonização e mapeamento.”⁵⁴. Junto a isso, a questão da fascinação pelo índio e suas representações como o “homem natural”, em estado selvagem, sem nenhum governo.

O autor navega pela obra *A Tempestade*, uma das últimas de William Shakespeare (1564-1616). Ele narra o personagem Caliban como esse ser da selva idealizado, aonde uma divisão da consciência europeia aconteceria quando por um lado ele “é feio e a natureza é mais uma “imensa selvageria”, por outro, Caliban é nobre e livre e a Natureza é um Éden.”⁵⁵. Dessa forma, a *operação ocultista*, em meio a Renascença e a descoberta das Américas teriam desembocado com os esquemas reais de colonização por meio das colônias; e imaginários como no eurocentrismo contido na produção de História do Anarquismo dentro das Universidades. Na realidade, por meio de um sistema econômico e social que têm em suas bases a exploração do trabalhador como apontam a crítica ao trabalho pelo pensamento ácrata.

A colonização em *Roanoke*, atual Carolina do Norte (EUA), é referência nesse sentido, ele narra o que os livros escolares norte-americanos teriam ensinado que os colonizadores foram embora da região e apenas teriam deixado a mensagem: “Fomos para Croatã” (referência a uma tribo indígena da região). Ou seja, “a primeira colônia do Novo Mundo resolveu renunciar ao seu contrato com Próspero (Dee/Raleigh/o Império)”⁵⁶, os colonizadores teriam deserdado para se juntar aos índios nativo de

⁵² Filha de Henrique VIII (1509-1547) ao qual Thomas More - autor do livro *Utopia* - havia sido chanceler em seu Reino.

⁵³ Op. Cit., p. 18.

⁵⁴ Ibidem, p. 18.

⁵⁵ Ibidem, p. 18.

⁵⁶ Ibidem, p. 19.

Croatã e assim “viraram nativos, optaram pelo caos em detrimento dos atrozes sofrimentos de servir aos plutocratas e intelectuais de Londres.”⁵⁷.

Continua falando sobre a colonização do Caribe, aponta colonização feita por extremistas nas Ilhas de Barbados e Jamaica defendendo a formação de proto-TAZ nessas regiões. Esses migrantes fugiriam do imperialismo, escravidão, servilismo, racismo, intolerância, torturas, trabalho compulsivo e da morte em plantações por meio da vida *bucaneira*⁵⁸ adotando costumes dos índios/as, aceitando negros e espanhóis como iguais, rejeitando a nacionalidade e elegendo democraticamente seus capitães. Mesmas características de exclusão social que motivam a argumentação da Ocupação e seus grupos de articulação.

O autor ainda avança sobre a forma de organização dos piratas que previa divisão dos motins, proibição de açoite e castigos físicos e formas resolução de conflito como o voto ou o duelo. Os piratas “foram “bandidos sociais”, (...) eram, de fato, “utopias” criadas quase que *ex nihilo in terra incógnita*⁵⁹, enclaves da total liberdade ocupando espaços vazios do mapa.”⁶⁰. Nesses locais, os saques eram repartidos, os representantes eleitos regularmente e a terra era comunitária, se existia alguma República seria o navio aonde “O Código Pirata”⁶¹ garantia direitos trabalhistas, a voto, proibição do roubo, apostas entre outras características. Essa organização entre iguais, pode ser observada nos combinados de vivências dentro da Ocupação aonde a organização do espaço e funcionamento são mantidos pelos acordos coletivos, formação de comissões, tarefas e turnos de trabalho.

Bey conclui sua reflexão chegando à conclusão de que:

grande parte das pessoas que vivem em sociedades racistas e moralmente repressoras secretamente desejam exatamente esses atos licenciosos, elas os projetam sobre os marginalizados, e assim convencem a si mesmos que permanecem civilizadas e puras. (...) Tornar-se “selvagem” é sempre um ato erótico, um ato de desnudamento.⁶²

⁵⁷ Ibidem, p. 19.

⁵⁸ Bucaneiro/a é uma referência aos Piratas residentes no Caribe.

⁵⁹ “Surge do nada em uma terra desconhecida” - livre tradução.

⁶⁰ Op. Cit., p. 20.

⁶¹ O primeiro código pirata foi escrito pelo Português Bartolomeu Português no século XVII e foi usado posteriormente por piratas como John Philips, Edward Low e Bartholomew Roberts.

⁶² Op. Cit., p. 23.

Essa resistência nômade e cheia de elementos de crítica a sociedade capitalista teria como resultado políticas de Estado severas combatendo esse tipo de intervenção política, como no caso da Ucrânia de *Makhno*⁶³. *A República Livre de Fiume* (1920-1924) - atual cidade de *Rijeka* na Croácia - é apresentada pelo autor como uma das primeiras experiências de TAZ do século XX.

O Estado Livre se formou ao final da primeira guerra mundial após a derrota do Império Austro-Húngaro durante as negociações entre Reino da Iugoslávia e da Itália, intermediada pelo presidente norte-americano Woodrow Wilson (1856-1924) que demonstrava interesse em tornar o território sede da Liga das Nações formada em 1919 em Versalhes. A cidade foi ocupada pelo poeta italiano Gabriele D'Annunzio⁶⁴ e seu movimento *irredentista* que buscava por meio de um processo identitária e histórico de reflexão com a etnia se separar do Estado e sua autoridade, movimento vitorioso ao longo de quatro anos e reconhecido por diversos governos como Estados Unidos, França e Reino Unido.

A partir do exemplo da *Modern Times*⁶⁵ e das Falanstérios⁶⁶ durante o período de formação do estado-nação, sua reflexão aponta os limites dos padrões “socialistas/utópico” na leitura da TAZ como fenômeno ao tratar sua característica temporária como um “fracasso” - tal qual a insurgência frente a revolução na reflexão historiográfica. Essa relação com o tempo-espaço gerado pelas comunas ecoa sobre os movimentos revolucionários urbanos em suas referências estéticas, culturais e de memória, aonde anarquistas fazem um nomadismo revolucionário - ou cosmopolitismo -, esse “espírito das comunas” seria uma forma de fugir as fronteiras criadas pelos Estados Nações. Para Bey, esses(as) anarquistas com características

⁶³ Néstor Ivánovitch Makhnó (1888-1834) foi um anarco-comunista ucraniano que lutou junto ao seu exército - com princípios Anarquistas - durante a Guerra Civil da Ucrânia.

⁶⁴ O exército de D'Annunzio era conhecido como *Arditi*, uma referência a tropa de assalto de elite do exército italiano durante a primeira guerra conhecido pela sua ousadia em cumprir sua função de romper as defesas inimigas em meio as trincheiras de guerra.

⁶⁵ Colônia anarco-individualista utópica que tinha como base um sistema mutualista de trocas de bens e serviços, localizada em Long Island em Nova York fundada em 21 de março de 1851.

⁶⁶ Organização social idealizada por Charles Fourier, o filósofo francês defendia a ideia das comunidades intencionais; também conhecidas como associativismo voluntário, essa prática libertária residia - e continua a existir - por meio de comunidades autônomas como possibilidade do anarquismo na vida cotidiana. Conhecido também como comunalismo, suas origens são anteriores ao marxismo e residem sobre origens em comunidades cristãs.

stirneriana/nietzscheana encontrariam nessa atividade um fim em si mesma como ação política.

Ele segue explicando a temporalidade das TAZ e a importância dada a eficácia dos projetos institucionalizados como princípio para seu reconhecimento histórico – como na História Econômica e Política Clássica. A Ocupação de Fiume após a declaração de independência foi acompanhada da escrita de uma constituição que instituiu *a música como o princípio central do Estado* - escrita por D'Annunzio e intitulada “La Carta Del Carnaro” [1920] – nela as Corporações teriam como tarefa a produção de músicas, para “celebração de seus heróis, ritos e mitos, com o engenho da alegria do Estado.”⁶⁷. Para D'Annunzio a música seria uma linguagem universal que “podia ser compreendida por todos os indivíduos dotados de sensibilidade estética”⁶⁸. Ele teria convidado os sindicatos e diversos socialistas, porém, foi considerado um aventureiro frente a sua heterodoxia e individualismo⁶⁹.

Durante a Ocupação de Fiume a Marinha se autoneomeou de *Uscochi* - uma referência aos antigos piratas da região -, eles realizaram vários saques a navios venezianos e otomanos. Com os cofres cheios, a cidade começou a agregar artistas, boêmios, aventureiros, anarquistas, budistas, fugitivos, homossexuais em uma rotina criada pelo poeta que lia poesia e manifestos todas as noites em concertos seguidos de fogos de artifício; “(...) quando o vinho e o dinheiro haviam terminado e a frota italiana finalmente apareceu e arremessou alguns projéteis contra o Palácio Municipal, ninguém tinha energia para resistir.”⁷⁰.

A experiência de Fiume é comparada a Paris revolucionária de 1968, as insurreições urbanas dos anos 70 na Itália, comunas contraculturais norte-americanas, entre outras experiências por Bey. As similaridades apontadas estão na importância da teoria estética, viver bem com o excesso da superprodução da sociedade de consumo e

⁶⁷ SPINELLI, Daniela. *Utopia e modernismo na Carta Del Camaro – Reflexões sobre o desenho de um novo ordenamento para o Estado Livre de Fiume*. Campinas, SP, 2014. p. 66. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000935959&fd=y>>, último acesso em 15 de março de 2016.

⁶⁸ Ibidem, p. 106.

⁶⁹ MARIÁTEGUI, José Carlos. *Do sonho às coisas: retratos subversivos*; tradução, organização e notas Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 40.

⁷⁰ Op. Cit., p. 25.

até mesmo a popularidade das roupas militares. Também aponta o conceito de música como transformação social, a impermanência em seu fluxo cosmopolita de mudança, readaptação a novos lugares e realidade como forma de resistência, “ou o mundo mudaria, ou não. Enquanto isso, continua na estrada e viva intensamente”⁷¹.

O capítulo sete segue falando sobre a *tática de desaparecimento*. A descentralização das relações de poder e a militância clássica de embate daria lugar a uma outra forma de organização e militância. Uma rede de conexões interpessoais como alternativa política. Essa forma e organização não hierárquica teria dado certo dentro e fora dos ambientes Anarquistas, por meio de instituições como os a *ACT UP*⁷² que busca dar suporte a pessoas com AIDS ou a *Earth First*⁷³ que por meio de táticas de ação direta busca impedir operações empresariais danosas ao meio ambiente.

Características como a formação do bando, a insurreição, *contranet*, relação com trabalho e organização horizontal seriam gestos positivos da TAZ em sua confrontação a forma de política e revolução tradicionais. Essa “Nova Autonomia” tornaria a TAZ algo além do controle, definição, olhar e nomenclatura, algo para além da compreensão e percepção do Estado. No oitavo capítulo ele avança sobre essa reflexão ao desenvolver os *Caminhos de Rato na Babilônia da Informação* aonde Bey (1985) apresenta a ideia de liberação psicológica, o trabalho e outras formas de alienação tornariam a TAZ um cenário para o exercício da autonomia no presente. Como condição a isso, seria necessário que as pessoas se sintam livres. Essa é a primeira das três condições de emergência da TAZ.

O segundo seria a necessidade de expansão da *contra-net*, procurando relacionar ela como uma arma. A *web* é um novo mundo e linguagem que se mistura à realidade e como tal têm seu valor em sua facilidade de troca de informações. Em terceiro o autor reafirma o desaparecimento do “poder”, avança sobre a necessidade de desmontar os aparelhos repressivos do Estado. É sobre essas características que a TAZ daria sentido aos bucaneiros modernos, “prefiro ser um rato num buraco de parede do que um rato de gaiola, mas insisto em dizer que a TAZ transcende essas categorias.”⁷⁴.

⁷¹ Ibidem, p. 25-26.

⁷² Disponível em: <<http://www.actupny.org/>>, último acesso em 12 de outubro de 2016.

⁷³ Disponível em: <<http://www.earthfirst.org/>>, último acesso em 12 de outubro de 2016.

⁷⁴ Ibidem, p. 31.

A TAZ é provida de certa *ferocidade*, de um tempo e espaço ao qual o caos é elemento criativo e mediador de relações reais, mediadas pela convivência vivida. Uma “arte de viver em contínua elevação, selvagem, mas gentil - um sedutor, não um estuprador, mais um contrabandista do que um pirata sanguinário, um dançarino e não um escatológico.”⁷⁵.

Os últimos apêndices são uma carta do Capitão Bellamy (1689-1717) aonde o pirata inglês vai contra o governos dos homens ricos afirmando que “eles roubam os pobres sob a cobertura da lei, sem dúvida, e nós roubamos os ricos sob a proteção de nossa própria coragem.”⁷⁶. Por último um texto do anarquista individualista Stephen Pearl Andrew (1812-1886) que discute a escravidão por meio de uma reflexão sobre a ordem social.

Os elementos apresentados por Hakim Bey ao longo do livro *Zona Autônoma Temporário* nos dão os elementos necessários para começarmos a nos relacionas com as TAZs e seu processo ao longo da História do Anarquismo. No próximo capítulo avançaremos sobre essas questões por meio de um estudo de caso por meio da Ocupação da Reitoria da UnB de 2014. Dos piratas ao anarquismo moderno, o pensamento e prática libertárias se alteram tal qual o tempo e o espaço, é se adaptando por meio do cosmopolitismo de ideias e pessoas que a arte das *Zonas Autônomas Temporárias* geram *insurreição*.

⁷⁵ Ibidem, p. 32.

⁷⁶ BELLAMY apud BEY, 1985, p. 38.

Capítulo 2 - Entre *Ocupar e Invadir* a Universidade Pública

A História das Universidades Públicas no Brasil é ligada a sua história econômica e social. O sistema de escravidão e sua longa duração até os dias atuais, acompanhado da falta de ferramentas de inclusão popular nas políticas de Estado para esses povos geraram uma realidade amplamente discutida dentro dos meios acadêmicos e governamentais, tendo como resultado políticas públicas como a Reforma Universitária implantada a partir do Governo Lula e seguido por Dilma junto ao Partido dos Trabalhadores e sua base aliada por meio de um Projeto de Lei que visava ampliar o acesso a esse nível de ensino historicamente elitizado.

A Reforma foi acompanhada de uma série de políticas públicas que visavam o acesso ao ensino superior, entre eles o Programa Universidade Para Todos (Prouni⁷⁷, criada em 2004 pelo Governo Federal e institucionalizada pela Lei 11.096/2005), o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES⁷⁸, implantada pela Lei 10.260/2001), Sistema de Seleção Unificada (Sisu⁷⁹, 2012), Universidade Aberta do Brasil (UAB⁸⁰, Decreto 5.800/2006), Expansão da Rede Federal⁸¹ e, finalmente, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni, instituído pelo Decreto N° 6.096/2007⁸²). Todos como parte integrante ou suplementar ao Plano Nacional da Educação (PNE) planejado para uma década (2001-2010/2011-2020).

Como impacto dessa expansão do ensino superior e técnico no país por meio de políticas neoliberais, temos como resultados o documento do Ministério da Educação

⁷⁷ Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa>>, último acesso em 14 de outubro de 2016.

⁷⁸ Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies>>, último acesso em 14 de outubro de 2016.

⁷⁹ Portaria Normativa N° 21, de 5 de Novembro de 2012. Disponível em: <<http://static03.mec.gov.br/sisu/portal/data/portaria.pdf>>, último acesso em 14 de outubro de 2016.

⁸⁰ Criado em 2005 e instituído em 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm>, último acesso em 14 de outubro de 2016.

⁸¹ A Rede Federal no Brasil teve em sua história 140 escolas técnicas no país construídas entre 1909 e 2002. Entre 2003 e 2016 foram construídas mais de 500 novas escolas contabilizando um total de 644 campi em funcionamento no país. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>>, último acesso em 14 de outubro de 2016.

⁸² Diretrizes gerais disponíveis em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>, último acesso em 14 de outubro de 2016.

intitulado *A democratização e expansão da educação superior no país (2003-2014)*⁸³ que pode nos dar alguns elementos para entender esse processo. O documento elaborado pela Secretaria de Educação Superior (SESu), unidade do Ministério da Educação (MEC), aponta um estudo de 12 anos das políticas públicas para o acesso ao ensino superior. Os elementos diretivos da política pública adotada são baseados na Declaração Mundial sobre Educação Superior elaborada em uma Conferência Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) sobre educação superior em outubro de 1998.

O PNE vigente entre 2001 e 2010 tinha como meta para o ensino superior alcançar 30% da população entre 18 e 24 anos. O estudo do MEC para o período de 2003-2014 conclui que 9.306.877 pessoas se formaram no ensino superior durante o período, o equivalente a cerca de 5% da população brasileira segundo o Censo de 2010 do IBGE, que também aponta para o total de 11% da população nacional com nível superior. Segundo o censo demográfico de 2010 no Distrito Federal (DF), 160.022 pessoas frequentavam o ensino superior na época, dessas, 127.221 pessoas em instituições de particulares e 34.801 em públicas. Tendo em vista que a população do DF era de 2.570.160 pessoas, cerca de 6% da população era composta por estudantes universitários em 2010.

Segundo os Indicadores Sociais do IBGE de 2013⁸⁴, sobre o ensino por nível e rede de ensino frequentado⁸⁵, em 2012, 81,5% dos estudantes de ensino superior frequentavam instituições privadas. O mesmo estudo ainda aponta que 25,1% da população entre 18 e 24 anos no DF cursa ou cursava o Ensino Superior no ano de 2012 de um total de 30,9%⁸⁶ da população que frequenta instituições de ensino.

O Observatório do PNE⁸⁷ - organizado pelo projeto “Todos Pela Educação” composto por diversos setores da sociedade - aponta que a taxa de matrícula no ensino

⁸³ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192, último acesso em 14 de outubro de 2016.

⁸⁴ Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>, último acesso em 21 de outubro de 2016.

⁸⁵ Tabela 3.15.

⁸⁶ Tabela 3.1.

⁸⁷ Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/>, último acesso em 21 de outubro de 2016.

superior subiu de 28,5% em 2001 para 56,4% em 2014, na população entre 18 e 24 anos subiu de 14,1% para 29,9%. Os indicadores étnico-raciais demonstram saltos significativos nas matrículas entre Pretos e Pardos comparado a Brancos, segundo a tabela a matrícula entre Brancos que era de 22,4% em 2001 aumentou para 38,2% em 2014 - uma variação de 15,8%. Essa mesma variação para Pretos é de 18,8% - de 3,4% em 2001 para 22,2% em 2014 e para Pardos de 8,6% para 25,1% demonstrando uma mudança não apenas no acesso mas no público do ensino superior do país.

Essa nova realidade nas políticas públicas de governo e seus reflexos no ensino superior do país dão elementos importantes para pensarmos o contexto dos estudantes que Ocupam escolas e universidade ao longo do país. Em 2016 o Centro de Convivência Negra (CCN) da UnB foi Ocupado, instituído em 2005 e criado em 2006 o CCN estaria servindo mais como espaço burocrático para o auxílio a estudantes cotistas e/ou africanos do que Centro de Convivência e representação, como resultado, no final do mesmo ano é fundando o Quilombo UnB - local de permanência das atividades do Diretório Negro da UnB.

Segundo a mídia independente⁸⁸, em 21 de outubro de 2016 o Brasil têm mais de mil escolas e institutos federais ocupados por estudantes e sociedade civil contra a reforma da PEC 241 (ou 55) que pretende congelar gastos públicos por 20 anos, o que sucatearia serviços como saúde e educação, segundo especialistas. Os livros de História costumam falar sobre a juventude dos caras pintadas⁸⁹ no período de redemocratização, a História da juventude brasileira dos últimos anos é traçada por diversas formas de ação política, entre elas, as Ocupações.

Durante aquele Julho de 2014, a população do Distrito Federal assim como de todos os Estados do país estavam mobilizando diversas manifestações contra a Copa das Confederações que mais tarde ficou conhecida como a copa do “7 a 0 para a Alemanha”. Essa afronta ao nacionalismo exorbitante durante os eventos de futebol, foi acompanhado de diversas manifestações ao longo do Brasil, muitas com utilização de táticas de ação direta como o Black Block. Na Torre de TV de Brasília molotovs foram jogados contra o boneco gigante do mascote da Copa das Confederações - “Fuleco” -,

⁸⁸ Postagem da Mídia Ninja sobre as Ocupações com a lista de escolas e institutos ocupados. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/744550989036382:0>>, último acesso em 21 de outubro de 2016.

⁸⁹ Movimento que buscou o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello em 1992.

na Esplanada dos Ministérios e região central de Brasília pedras voaram sobre a cabeça da população rumo aos pelotões da Polícia Militar, carros dos grandes canais de comunicação e jornalismo do Brasil foram depredados e queimados por uma população que vem ocupando a rua em diversos momentos ao longo dos últimos anos.

É essa juventude que compõem o movimento secundarista e universitário estudantil, por meio de um trabalho de formação e militância contínua em diálogo com a sociedade. O Movimento Estudantil (ME) no Brasil é formado por diversos grupos e representantes, todos com propostas políticas e projetos diferentes que traduzem a diversidade política dentro do país. Para entender o fenômeno do Anarquismo e das Ocupações sobre essa óptica estudantil, vamos analisar alguns dos grupos de extrema esquerda dentro do ME a partir do Fórum de Oposição de Bases (FOB⁹⁰) - em especial o núcleo do Rede Estudantil Classista Combativa (RECC) da UnB.

O FOB reuni militâncias estudantis de todo o país por meio de diversos coletivos, sindicatos e gestões de centros e diretórios acadêmicos que têm uma leitura *Classista e Combativa*. O trabalho desenvolvido por esses grupos busca desenvolver o chamado “trabalho de base” junto a estudantes e trabalhadores/as, trazendo elementos para reflexão política por meio de diversas intervenções junto a esses grupos. Seu surgimento veio junto com os conflitos dentro do meio sindical e estudantil de 2003 após a posse do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) quando o termo “governista” ganha novo significado.

Essa ruptura divide as lutas de ambos os setores entre aqueles/as que querem dialogar com o governo junto a Coordenação Nacional de Lutas (CONLUTAS) no movimento sindical e na União Nacional dos Estudantes (UNE) no movimento estudantil, e movimentos que veem na ruptura desse diálogo e jogo político. Essa dinâmica de Oprimido e Opressor⁹¹ - de diferenciação frente ao governo e os limites impostos pela burocracia e jogo político - permitem a FOB por meio de seus filiados⁹²

⁹⁰ A escolha da FOB se dá frente a busca de perspectivas políticas que fundamentem a prática ácrata da ocupação. Seus textos e coletivos são utilizados ao longo do texto buscando fundamentar a partir dos próprios autores a leitura política do evento. Disponível em: <<https://lutaFOB.wordpress.com/>>, último acesso em 21 de outubro de 2016.

⁹¹ Ver Paulo Freire.

⁹² Dentre eles; Rede Estudantil Classista e Combativa (RECC), Oposição de Resistência Classista (ORC), Aliança Classista Sindical (ACS), Comitê de Cultura e Luta (CCL), Coletivo Ousar Lutar (COL), Rede de Mídia Classista (RMC) e os grupos de trabalho sobre a questão Operária e Agrária Ambiental.

dialogar com elementos da História do Anarquismo e das ideias libertárias. Alguns de seus documentos podem nos dar elementos para entender a dinâmica e percurso da ocupação dentro da Universidade.

Segundo a própria FOB em sua história disponibilizada em seu site, a gênese do Fórum é a aglomeração da diversidade de ideias e análises dos grupos e pessoas que a compõem. A base de sua crítica pode ser explorada por meio do conceito de “*governismo*”, ou, “a política de adesão das organizações dos Trabalhadores aos objetivos de um governo – implicou uma ofensiva contra direitos, salários e condições de trabalho”⁹³. Para FOB, a origem dessas políticas dentro do movimento dos trabalhadores se daria frente a reforma da previdência em 2003, dos processos de luta e cisão - entre 2004 e 2005 - contra a Central Única dos Trabalhadores (CUT) pelos sindicatos dos servidores públicos federais e debates de formação da Central Sindical Popular - Coordenação Nacional de Lutas (CSP-CONLUTAS)⁹⁴.

Em suas teses⁹⁵ formuladas entre 2006 e 2007 que buscavam “dar materialidade a autonomia sindical e organizacional”, a FOB aponta alguns pontos que podem nos ajudar a compreender sua relação com o *Anarquismo*:

- 1) Lutar pela destruição da estrutura sindical oficial;
- 2) Dentro da estratégia sindical da Ação Direta, a Greve é um instrumento central;
- 3) Organização por local de trabalho;
- 4) Organizar “coordenações inter-sindicais.

Autonomia e liberdade são palavras que podem nos auxiliar a entender o Anarquismo em alguns contextos. Ideias complementares, dão vasão a primeira tese que busca liberdade sindical frente a sua autonomia de ação frente ao Estado. A segunda tese dá vasão a essa ação, a Ação Direta. A Greve é um instrumento famoso de luta, na História do Brasil a Greve Geral de 1917 é representada como um dos mais importantes

⁹³ Segundo parágrafo do texto sobre *Origem e história da FOB*. Disponível em: <<https://lutafob.wordpress.com/fob/o-que-e-o-fob/>>, último acesso em 24 de outubro de 2016.

⁹⁴ Oposição a CUT formada em junho de 2010 no Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT). A CSP Conlutas também se opõem a União Nacional dos Estudantes e Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra - ambos instituições que estreitaram laços com o governo após a posse do governo do Partido dos Trabalhadores.

⁹⁵ *Origem e história da FOB*. Disponível em: <<https://lutafob.wordpress.com/fob/o-que-e-o-fob/>>, último acesso em 24 de outubro de 2016.

fatos na História do Anarquismo no Brasil e as greves do ABC paulista durante a Ditadura Militar fazem parte da narrativa histórica do Brasil.

Foi em meio a esse contexto, o de recontar a história do país durante a década de oitenta, e a reconstrução do sistema democrático após a Ditadura Civil-Militar, que a Constituição de 1988 avança no reconhecimento da diversidade ao longo do território e História brasileira. Esse reconhecimento pode ser notado pelo trecho que trata das greves e direitos trabalhistas assumindo que: "Art. 9º É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender."⁹⁶

Esse caminho legalista - ou *governista*, segundo a RECC/FOB - é seguido por instituições governamentais como CUT e UNE, porém, esse dialogo por meio das leis e métodos convencionais limita a luta dos sindicatos e estudantes. A diversidade de compreensões sobre os processos políticos vividos e suas alternativas sempre gera desvios de padrão, novas formas de pensar e fazer política⁹⁷. A terceira e quarta tese que apontam as formas de organização do movimento apontam esse caminho autonomista, tendo o *local de trabalho* e as *coordenações inter-sindicais* como campo de atuação de seu trabalho de base.

A formação política é assim acompanhada por uma vivência, já que essa organização local permite uma maior proximidade não apenas das ideias mas da cultura material que acompanha uma vida de luta contra a burguesia e o Estado Neoliberal. O sistema de valores e compreensões do Anarquismo, a autonomia e liberdade, presente nas teses e vivências desses coletivos influencia diretamente sua forma de organização e dão novas referências para aqueles e aquelas que começam a viver essas culturas políticas, a viver uma "psicologia da libertação" e a formação do *bando*⁹⁸.

O conceito de revolução é questionado com relação ao seu campo de atuação no tempo-espaco desde a Revolução Francesa - pelo menos segundo nossas principais

⁹⁶ Constituição Federal de 1988, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>, último acesso em 24 de outubro de 2016.

⁹⁷ Me refiro aqui aos movimentos contemporâneos já citados ao longo do texto, das mídias independentes, ativismo vegano, Anarcopunk, cosmopolitismo, bike ativismo e tantas outras experiências de teor libertário ou anarquista que se manifestam e se fazem reais dentro da diversidade política presente em toda realidade histórica.

⁹⁸ Bey, 1985. Conceito trabalhado ao longo do primeiro capítulo.

referências - e a necessidade de internalização dessa revolução por meio de uma transição pessoal é apontada em diversos textos e livros Anarquistas, libertários, da literatura, poesia, filmes e tantas outras linguagens que criam a rede de informação do século XXI. Segundo o *Guia de estudos para formação de militante e apoiador da Oposição CCI - Combativa Classista e Independente ao DCE da UnB*⁹⁹, da RECC, a formação política e teórica do(a) militante é fundamental por uma questão de coerência e organização.

O *Guia de Estudo* busca um caminho dialético entre teoria e prática política por meio de um texto estruturado em cinco partes: estrutura universitária e suas contradições, breve histórico e a RECC, teses fundantes das suas concepções, teoria, estudo, cultura e arte, e por último, uma lista de links úteis. A leitura e estudo dos textos é valorizado com importância, porém, “é só na luta diária dos estudantes e trabalhadores que o militante compreenderá a relevância dessa luta e da real possibilidade de vitória de nossas pautas.”¹⁰⁰.

É em meio a esse contexto das Universidades Públicas e dos movimentos estudantis combativos que aconteceu a Ocupação de 2014 na Universidade de Brasília. A Ocupação teve início no dia 5 de julho daquele ano após um encontro dos estudantes com o reitor Ivan Camargo, a reunião aconteceu no prédio da reitoria no Campus Darcy Ribeiro no Plano Piloto durante a tarde daquele mesmo dia. O grupo de estudantes saiu em ato pelo prédio da reitoria após a reunião com o Reitor que buscava discutir a perseguição a estudantes do serviço de assistência estudantil que estavam respondendo a processo administrativo após um ato no Restaurante Universitário (R.U.) no qual as catracas foram liberadas durante quatro dias para a comunidade universitária.

Durante a caminhada rumo a Sala do Reitor - aquele grupo de pessoas tocadas pela mesma pauta - mesmo que representando diferentes entidades do movimento estudantil, decide abrir caminho, derrubando a porta de vidro e dando início à Ocupação. Naquele momento, é possível traçar o processo de um coletivo de pessoas formarem-se em *bando*, no sentido de Bey (1985). Diferente de um agrupamento de

⁹⁹ *Guia de estudos para formação de militante e apoiador da Oposição CCI - Combativa, Classista e Independente ao DCE da UnB*. 2012, 45 p. Disponível em: <https://avanterecc.files.wordpress.com/2012/11/guia_de_estudos_cci.pdf>, último acesso em 24 de outubro de 2016.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 2.

peças como a família que é estruturado sobre uma organização fechada e patriarcal, de um coletivo político ou partidário que segue Estatutos e pautas comuns, “o *bando* é aberto - não para todos, é claro, mas para um grupo que divide afinidades, os iniciados que juram sobre um laço de amor.”¹⁰¹.

Junto ao processo do “catraço” - como ficou conhecido o evento que desencadeou o processo - se soma o de perseguição aos Centros Acadêmicos (CAs) da UnB, em especial, após os “Happy Hours”¹⁰² do dia 30 de maio daquele mesmo ano no qual uma série de festas momentâneas levou um grande público ao espaço aberto da Universidade de Brasília, gerando sujeira, depredação e roubo de bens públicos. Para a Reitoria, as festas ocorreriam de forma ilegal já que não teriam passado pela autorização da mesma.

Para os estudantes, esse controle da utilização espacial da Universidade é uma forma de autoritarismo, como apontam o substantivo demarcado pelos/as *Okupas* ao longo de toda sua comunicação ao se referenciar ao: “REItor”, “REItoria” e outros termos que dialogam com uma *Sociedade de Corte*¹⁰³ tal qual explora o cientista social alemão Nobert Elias. O autor e seu estudo, avança sobre a História Francesa e Prussiana notando como a monarquia e nobreza feudal se relacionavam, sua estrutura de poder e representação.

Em sua análise sobre o rei Luís XIV o autor aponta que os rituais diários do rei “não se trata de mera cerimônia, mas de um instrumento de dominação dos súditos”¹⁰⁴, assim, seu monopólio e soberania de poder se dariam pela “manifestação visível dessa integração total da dominação à pessoa do rei, com sua elevação e distinção, é a etiqueta”¹⁰⁵. O questionamento da autoridade é feito historicamente pelo Anarquismo e ideias libertárias, a diferença estética e de padrão de vida entre as pessoas que estão ocupando e o reitor foram um fator importante de diferenciação nas táticas do grupo em suas negociações com a reitoria.

¹⁰¹ Op. Cit., p. 9.

¹⁰² São assim conhecidas as festas organizadas pelos centros acadêmicos da UnB,

¹⁰³ ELIAS, Nobert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*; tradução Pedro Sússekind; prefácio, Roger Chartier. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. 311 p.

¹⁰⁴ Ibidem, p.133.

¹⁰⁵ Ibidem, p.133.

No entendimento dos/as Okupas - segundo a carta lançada após a reunião aberta aos estudantes no dia 6 de junho com início às 12 horas - ocupar e resistir seria a única maneira de garantir o direito daqueles que respondiam os processos administrativos, culminando com um processo ilegal que fere direitos básicos e se constitui em um ato de criminalização do Movimento Estudantil. A Okupa considera os “meios burocráticos, derrotistas e anti-democráticos” - como as instâncias da reitoria/universidade - não levariam ao processo de descriminalização tal qual a ação dos estudantes poderia.

A carta ainda contém as quatro reivindicações iniciais do grupo, exigindo:

- 1) Arquivamento imediato dos processos relativos ao “catracaço” e “happy hours”, descriminalizando os/as respectivos/as alunos/as e Centro Acadêmicos caluniados/as no referido processo.
- 2) Garantia de imunidade política, administrativa, civil e criminal a todos/as alunos/as que participaram da Ocupação em todo seu período de duração, seja em esfera penal e da administração universitária.
- 3) Responsabilização da REitoria pelos seus processos ilegais e arquivamento dos mesmos.
- 4) Reintegração e manutenção dos direitos dos Centros Acadêmicos, estudantes e projetos de extensão (Salsa UnB) com imediato estabelecimento de prazo para respostas encaminhativas a requerimentos de demandas relativas as mesmas.¹⁰⁶

A perseguição ao movimento anarquista e libertário são elementos de luta constante dentro de movimentos anti-governistas e anti-capitalistas. No final do século XIX europeu os Anarquistas são perseguidos, mortos/as ou expulsos/as de seus países, em meio as teorias eugenistas que dariam elementos para a ascensão do fascismo e nazismo no início do século seguinte. Esse período foi marcado por uma onda de radicalização por grupos anarquistas.

Ao pensarmos nos(as) Okupas e sua cultura material e de *bando* frente a paradigmas libertários, devemos nos lembrar de que os processos que motivaram a movimentação por meio da *Zona Autônoma Temporária* na UnB foram realizadas por e para estudantes do programa de Assistência Estudantil do governo federal dentro das universidades públicas. Essa política se pauta não apenas em um programa de assistência social mas também em um projeto de sociedade que busca valorizar a

¹⁰⁶ *Ocupa UnB*, 6 e junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/650537285028766/?type=3&theater>>, último acesso em 24 de novembro de 2016.

história social e política das múltiplas identidades dentro do território nacional que tem sido objeto de discussão e militância desde, pelo menos, a redemocratização e a constituição de 1988; no campo das políticas públicas: educação por meio dos currículos, cursos de formação e incentivo a pesquisa, readaptação da própria sociedade que muda suas práticas.

A assistência social a(o)s estudantes na UnB é feita pela Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS), órgão ligado ao Decanato de Assuntos Comunitários (DAC) da Reitoria. O Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) foi criado em julho de 2010 por meio do Decreto Nº 7.234 e é ofertado pela Universidade semestralmente por meio de um edital de avaliação socioeconômica. Segundo o edital N. 01/2014 em suas “Disposições Preliminares” - referendando os objetivos do PNAES - são seus objetivos:

- a) democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal;
- b) minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior;
- c) reduzir as taxas de retenção e evasão;
- d) contribuir para a promoção da inclusão social pela educação.¹⁰⁷

A pauta recorrente ao longo da primeira manifestação, que culminou no evento “catracaço” e, em seguida, aos processos que sofreram os centros acadêmicos, que promoveram e apoiaram os Happy Hours no ano anterior ao da Ocupação, diziam respeito a manutenção dos estudantes na Universidade. Ambos os eventos colocam em debate, o acesso ao Restaurante Universitário e aos valores do mesmo, assim como a permanência do alunato através das manifestações culturais, respectivamente.

Assim como as pautas subsequentes que culminaram com a Ocupação, uma necessidade recorrente ao longo de todos os anos de aplicação do PNAES é apresentada pela militância estudantil na UnB e outras universidades públicas. A *Carta da Assistência Estudantil da UnB*¹⁰⁸ de 2012 traz alguns pontos chave da discussão desses

¹⁰⁷

Disponível

em:

<http://www.unb2.unb.br/administracao/diretorias/dds/editais/2014/Edital_1_2014_Avaliacao_socioeconomica_1_2014.pdf>, último acesso em 26 de outubro de 2016.

¹⁰⁸ A carta tem a assinatura de diversas representações estudantis, dentre elas o Diretório Central Estudantil Honestino Guimarães, dezoito centros acadêmicos e nove coletivos e organizações - entre eles a Oposição CCI na UnB (RECC-FOB). *CARTA DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL DA UNB*, 2012, 5 p. Disponível

em:

estudantes de baixa renda, o texto procura dar visibilidade as diferenças sociais e impactos na vivência apontando para a importância de “praticar extensão, pesquisa, participar de grupos de estudo, seminários, palestras e da vida cultural da universidade não pode ser um privilégio, pois é um direito de todos”¹⁰⁹. A referência ao “REItor” dos textos da Ocupação de 2014 e da sociedade de cortes (ELIAS, 2001) se chocam com a premissa do texto ao afirmar que: “Assistência é direito e não esmola”. A carta ainda descreve as necessidades estudantis de mudança com relação a Bolsa Permanência, Moradia, Transporte e Segurança, Alimentação e Transparência.

O sistema burocrático das universidades geram números como os apontados pelo *Relatório de Autoavaliação Institucional*¹¹⁰ da UnB desenvolvida pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) instituída pela lei 10.861/2004 que criou o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) responsável por coordenar os processos de avaliação interna e fornecer informações ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP). O relatório informa que o *Auxílio Emergencial* subiu de 150 bolsas em 2011 para 384 em 2014, o *Auxílio Socioeconômico* de 1006 para 1938, a *Moradia* estudantil da graduação de 482 para 1126.

As matrículas no ano de 2014 na UnB são de 33.943 estudantes de graduação em modalidade presencial e 1.752 estudantes em modalidade a distância, desde 2004 o percentual de evasão se mantém constante entre 30 e 40% do corpo estudantil e segue afirmando que “políticas para aumentar a permanência dos estudantes têm sido desenvolvidas e ampliadas, tais como: o apoio psicopedagógico, a análise de reintegração de ex-alunos e os ingressos especiais.”¹¹¹. A distância entre os diferentes setores da universidade - as demandas de estudantes e servidores (as), ou seja, os professores e funcionários(as) terceirizados - demonstra ser influenciada pelos vários discursos aqui descritos pelo conflito entre a burocracia, as demandas estudantis e trabalhistas; e o reconhecimento desses autores da Universidade entre suas diferenças.

<<http://www.unb.br/noticias/downloads/CARTA%20DA%20ASSISTENCIA%20ESTUDANTIL%20DA%20UNB.doc>>, último acesso em 26 de outubro de 2016.

¹⁰⁹ Ibidem, p.1.

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.dpo.unb.br/documentos/relatorio_autoavaliacao_2014.pdf>, última visualização em 26 de outubro de 2016.

¹¹¹ Ibidem, p. 99.

O reconhecimento de todos esses personagens como autores(ras) da História, têm como uma de suas questões relevantes o mesmo problema epistemológico oriundo do eurocentrismo nos estudos científicos racistas, classistas e sexistas que reafirmam essa política Universitária no contexto brasileiro - como busco apontar nos primeiros capítulos do trabalho ao pontuar os “novos estudos do anarquismo” e no reconhecimento da História das Universidade no Brasil; dar voz as demandas da população em sua diversidade e as ideias libertárias sempre foi um problema ao longo da História do Brasil e de outros Estados nacionais. Segundo a historiadora Gomes¹¹² sobre os(as) Anarquistas no início do século XX: “o projeto anarquista almejava uma revolução social e não apenas uma revolução política. Daí o privilégio da educação entendido como ampla formação cultural.”¹¹³. É no sentido pedagógico que a Ocupação pode ser compreendida como um projeto político e educacional que compreende um espaço, rotina, valores, grupos de trabalho, estudo e tantas vivências compartilhadas entre esses(as) autores(as) de baixa renda que procuram se manter na Universidade e não fazer parte do índice de 30 a 40% de evasão.

Da formação da república em 1889, ao contexto político da nação institucionalizada por parte da população que exerce o poder político e econômico ao longo das décadas seguintes, aonde segundo Vera Chaia; “uma falta de liberdade no exercício do voto e a qualificação era exercida por uma mesa eleitoral, formada por homens considerados importantes em termos de política local.” (p.2)¹¹⁴. Um Histórico de esquecimento que se manifesta como resultado desse jogo político e simbólico, envolvendo e hierarquizando os diferentes setores sociais. Esse processo foi marcante ao longo da História do Anarquismo no Brasil.

No início do século passado com a proliferação das ideias anarquistas e sindicalistas revolucionárias, após o Primeiro Congresso Operário Brasileiro em abril de 1906, as mobilizações e greves no Rio de Janeiro e São Paulo nos anos que se seguem, formação da Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), dezenas de jornais e

¹¹² GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, 320 p.

¹¹³ Ibidem, p. 87.

¹¹⁴ CHAIA, Vera. *A longa conquista do voto na história política brasileira*. Pontífice Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.pucsp.br/fundasp/textos/downloads/O_voto_no_Brasil.pdf>, último acesso em 1 de março de 2017.

periódicos com teor e posturas Anarquistas entre tantas outras manifestações que agitaram o Brasil entre 1906 e 1920 - junto a várias outras correntes do sindicalismo - culminaram na perseguição desses autores históricos e deportação entre 1917 e 1926¹¹⁵, assim como a condenação de todas as organizações comunistas a ilegalidade - dentre elas o Partido Comunista e o Bloco Operário e Camponês.

Da mesma forma que os governos fascistas e nazistas, ao expulsar os Anarquistas, Socialistas e Comunistas ao longo do final do século XIX e início do XX, o governo brasileiro perseguiu Anarquistas durante esse período e os séculos que se seguem gerando como resultado a formação de entidades que buscavam resistir a essa perseguição sistemática, como a Frente Única Antifascista (FUA) formada em 1933, que buscava questionar o aspecto internacional e nacional junto aos integralistas em ascensão.

A Federação Operário de São Paulo (FOSP), maior federação sindical paulista, cria um comitê antifascista¹¹⁶, assim como jornais como *A Plebe* - dirigido por Edgar Leuenroth. Transcreviam em suas páginas libertárias ataques ao integralismo e fascismo na Itália começando a relacionar a polícia vanguardista a esses movimentos contra os(as) trabalhadores(as) brasileiros(as). Os jornais libertários comparavam o governo Vargas ao *Duce*¹¹⁷ italiano, algo compreensível frente a repressão do Departamento de Ordem Pública e Social (DEOPS) paulista as(os) Anarquistas entre 1933 e 1937.

A ação repressiva contra Anarquistas e suas produções se segue durante o Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura civil-militar (1964-1985), esta última, a partir da Lei de Segurança Nacional usada pelos conservadores para justificar crimes contra a imprensa, apreendendo e suspendendo impressos autorizada pelo do ministro da Justiça. O ano de 1968 ficou conhecido como o ano das 12 bombas no centro da capital paulista, quando a

¹¹⁵ Organização Marley de Almeida Gomes Vianna, Érica Sarmiento da Silva, Leandro Pereira Gonçalves. *Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas*. -1. ed. - Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2014.

¹¹⁶ A partir de 2013 e das revoltas populares com a preparação para Copa, diversos Comitês Antifascistas foram criados em órgãos sindicais e estudantis; assim com Comitês de Autodefesa dentro das universidades contra o estupro e assédio.

¹¹⁷ Referência fascista italiana ao seu “líder”, algo próximo ao “Der Führer” dos nazistas.

Força Pública do Estado de São Paulo explodiu bancas de jornais nas ruas da cidade e 1981, pela invasão do jornal *Tribuna da Imprensa* no Rio de Janeiro¹¹⁸.

A História do Anarquismo no Brasil aponta para os mesmos elementos de perseguição a militantes e aversão a ideias e posturas libertárias e de esquerda, como a ação direta e as Ocupações tais quais as vivenciadas durante a formação da TAZ na UnB. A Ocupação recebeu tanto o apoio de muitos setores da Universidade quanto críticas, como a do reitor, ao afirmar que: “é assustador ver que existe um movimento mascarado na universidade. Estamos vivendo um momento de muita violência, contrário a tudo o que nós pregamos: democracia, decisões colegiadas e respeito a diversidade.”¹¹⁹.

A literatura libertária no Brasil e no mundo é referência, no sentido da *contra-net* como instrumento de insurgência (BEY, 1985), o jornal *O Inimigo do Rei* da Bahia distribuído entre 1977 e 1988 é marcante nesse sentido durante a Ditadura Civil-Militar. O jornal se opunha não apenas ao governo, mas também a esquerda partidária - tal qual RECC/FOB. Formado por jovens estudantes de filosofia, o jornal foi formado durante a eleição do Diretório Acadêmico de Filosofia com a articulação da chapa *Fantasma da Liberdade* e propiciou a esses estudantes vivência e contato com anarquistas de diversos Estados¹²⁰. O jornal mesclava elementos da tradição anarquistas, ideias libertárias que colorem as lutas sociais de 1968, anarcossindicalismo e temas como contracultura, sexualidade, drogas e ecologia, temas caros para a época. O tema do jornal era: “toda autoridade é cômica”¹²¹.

¹¹⁸ OLIVEIRA, João Henrique de Castro. *Do underground brotam flores do mal: Anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)*. Dissertação de mestrado apresentada no Curso de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Orientadora: Adriana Facina Gurgel do Amaral. Niterói, 2007. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_OLIVEIRA_Joao_Henrique_Castro-S.pdf>, último acesso em 2 de novembro de 2016.

¹¹⁹ Trecho da entrevista do reitor Ivan Camargo. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/06/09/interna_cidadesdf,431591/unb-vive-dias-de-guerra-civil-afirma-reitor-ivan-camargo.shtml>, último acesso em 9 de novembro de 2016.

¹²⁰ SIMÕES, Gustavo. *Por uma militância divertida: o inimigo do rei, um jornal anarquista*. PUC/SP: verve, 11:168-181, 2007. 14 p. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/download/5081/3609>>, último acesso em 2 de novembro de 2016.

¹²¹ Disponível em: <<http://resistirepreciso.org.br/alternativa/o-inimigo-do-rei/>>, último acesso em 2 de novembro de 2016.

Bey (1985) defende a importância da *contra-net* como elemento de construção de diálogo por meio do canal aberto e de livre acesso - em certo sentido - da *web* e da *net*. A *contra-net* da Ocupação de 2014 da UnB veio com o nome de “CONTRA MÍDIA”¹²² em uma postagem na página no dia 9 de junho de 2014, afirmando para o público que segue a *feed de notícias*¹²³ que:

IMPrensa - REITORIA OCUPADA!

Diversas mídias estão entrevistando a Ocupa da Reitoria UnB (Rede Globo, Correio Braziliense, Band News, Campus-UNB, etc.). Não esperem a realidade, soltaremos a "CONTRA MÍDIA" deixando os pontos distorcidos claros para a Comunidade e Sociedade.¹²⁴

Nesse mesmo dia, um dos jornais de maior circulação no Distrito Federal (DF) - Correio Braziliense - lançou a notícia de capa “UnB vive dias de guerra civil, afirma reitor Ivan Camargo”, o modelo impresso ressaltava em sua capa com o texto a: GUERRA CIVIL. A foto da capa do jornal logo viralizou em diversas redes sociais e como um dos vários resultados de impacto várias dessas fotos foram criadas e reunidas em um *tumblr*¹²⁵ que têm como nome *Guerra Civil na UnB*¹²⁶.

Voltairine de Cleyre (1869-1912), ativista anarquista norte-americana e colaboradora da imprensa anarquista por meio da Revista *Mother Earth* (1906-1917) logo no início do seu estudo sobre a Ação Direta aponta um olhar sobre os jornalistas de *Los Angeles* que parece se aproximar do discurso da página, ao afirmar que:

certamente este é o caso da presente concepção errônea do termo Ação Direta que pelo equívoco, ou mesmo pelo deliberado embuste perpetrado por certos jornalistas de Los Angeles, por ocasião da condenação de McNamara, cismaram em colocar na cabeça das pessoas que Ação Direta significa, atacar violentamente a vida e a propriedade. Esta atitude ignorante ou desonesta por parte desses profissionais

¹²² Post na página da Ocupação UnB 2014 com o anúncio da “CONTRA MÍDIA”, disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/651894341559727/?type=3>>, último acesso em 9 de outubro de 2016.

¹²³ Fluxo de informações disponibilizadas ao usuário da rede social a partir de uma rede lógica de cruzamento de dados a partir das informações disponibilizadas diariamente pelo usuário.

¹²⁴ *Ocupa UnB*, 9 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/651894341559727/?type=3&theater>>, último acesso em 24 de novembro de 2016.

¹²⁵ Rede de compartilhamento de informações com plataforma de blog.

¹²⁶ Disponível em: <<http://guerracivilnaunb.tumblr.com/>>, último acesso em 9 de novembro de 2016.

provocou em muita gente a curiosidade de saber o que realmente significava Ação Direta.¹²⁷

Tendo em vista o impacto do jornalismo e a opinião pública, analisaremos a rede de informação que configura a *web* (BEY, 1985), por meio de um jornal de grande circulação e da rede de informações da página de comunicação da Ocupação da Reitoria de 2014. Para isso, buscarei conceitos clássicos do Anarquismo como *ação direta* e *apoio mútuo* assim como os conceitos de Bey - como venho fazendo - a partir da *Contra-Mídia* da Ocupa e sua rede de contatos e apoio.

O Jornal Correio Braziliense¹²⁸ que faz parte dos Diários Associados, o terceiro maior conglomerado de mídia do Brasil que atua com veículos como emissoras de TV, internet, jornais, rádios e revistas, um grupo de empresas no DF e Minas Gerais, além da Fundação Assis Chateaubriand criada em 1989. A presidência é de Álvaro Teixeira da Costa, que junto a família Chateaubriand, representa a segunda geração desta no comando da empresa. Ele é constantemente visto em eventos esportivos em Minas Gerais junto ao concorrente a presidência em 2014 Aécio Neves, contrário as políticas públicas do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e as políticas públicas de inclusão social.

A jornalista Mariana Laboissière¹²⁹, formada pelo IESB e atualmente na Rede Record Televisão, escreveu uma reportagem narrando os acontecimentos dos dias finais da ocupação. Desde a entrada nos prédios, os conflitos, até os processos de reintegração e posse são contados a partir de uma única fonte, as afirmações proferidas pelo reitor Ivan Camargo, salva uma referência a falas dos alunos(as), em que ela afirma que, para os integrantes do movimento “ [o] protesto com caráter político tem como objetivo impedir a criminalização e o jubramento de oito alunos” (legenda da primeira foto da reportagem; imagem de duas pessoas mascaradas). Fala ainda que, como medida preventiva, a reitoria anuncia a restrição de entrada de pessoas ao Instituto Central de Ciência (ICC), o Minhocão e finaliza com a descrição da entrevista com o reitor vigente.

¹²⁷ Disponível em: <<http://aesquerdalibertaria.blogspot.com.br/2013/04/acao-direta.html#.WGwd6vkrLIU>>, último acesso em 2 de dezembro de 2016.

¹²⁸ O nome do jornal é uma referência ao primeiro jornal brasileiro, em circulação entre 1 de junho de 1808 a 1 de dezembro de 1822 publicado pelo jornalista, patrono da cadeira 17 da academia brasileira de letras, maçom e diplomata liberal brasileiro Hipólito da Costa.

¹²⁹ Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/marianalaboissiere>>, último acesso em 9 de novembro de 2016.

Darcy Ribeiro (1922-1997) - que criou as bases da fundação da UnB junto a Anísio Teixeira (1900-1971) e Oscar Niemeyer (1907-2012) - escreveu o texto *Universidade de Brasília*¹³⁰ (p. 11, 2010) aonde o autor descreve a tradição universitária no Brasil e o isolamento da cátedra, a reforma universitária e a necessidade de reconhecimento da diversidade cultural na sociedade até chegar no motivo de criação da universidade. O pequeno número de pessoas e estrutura limitada na cidade recém fundada é logo anunciado, a necessidade de profissionais do campo do Direito e Economia com a nova capital, de “assistência de centros culturais e científicos”¹³¹ tendo como suas funções básicas “ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecida à juventude brasileira”¹³² como primeiro ponto.

A função básica apontada por Darcy dialoga com a linguagem utilizada pelos estudantes ao longo de sua CONTRA MÍDIA, como em uma postagem em resposta a matéria da Rede Globo¹³³ intitulada “Em protesto, estudantes invadem e bloqueiam entrada da reitoria da UnB: Eles querem arquivamento de processo contra alunos, diz UnB.”, seguida do subtítulo: “No ano passado, eles liberaram catracas do restaurante universitário.” Na postagem, a Comissão de Comunicação da Ocupa procura deixar claro o posicionamento coletivo: “não invadimos a reitoria e sim a OCUPAMOS, foi um ato político embasado em demandas reais e reivindicações claras: CHEGA DE CRIMINALIZAÇÃO DOS/AS ESTUDANTES E DOS CENTROS ACADEMICOS!”¹³⁴.

A matéria da Rede Globo têm três parágrafos e uma foto da reitoria Ocupada com uma barricada feita de cadeiras e mesas. Nesta, o repórter começa descrevendo uma invasão que teria como motivação o arquivamento dos processos contra oito alunos que teriam participado do protesto. A reportagem narra, ainda, o bloqueio e a tentativa de impedir servidores de trabalharem no local durante o período noturno, e ao fim

¹³⁰ RIBEIRO, Darcy (org.). *Universidade de Brasília: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3.998 de 15 de dezembro de 1961*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1º reimpressão ed. Especial, 2012, 160 p.

¹³¹ Ibidem, p. 19.

¹³² Ibidem, p. 20.

¹³³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/06/em-protesto-estudantes-invadem-e-bloqueiam-entrada-da-reitoria-da-unb.html>>, último acesso em 9 de novembro de 2016.

¹³⁴ Ocupa UnB, 6 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/posts/650115835070911>>, último acesso em 25 de novembro de 2016.

comenta que no único contato com a reitoria durante aquela manhã ela justificaria o processo como consequência dos catraçaços, aonde “estudantes liberaram as catracas do restaurante universitário para comerem de graça”.

A nota da Ocupação e sua consciência como ato político diferenciando Ocupação e Invasão dialogam com os elementos apresentados por Bey (2004) ao longo da primeira parte do texto. Sua narrativa da *Zona Autônoma Temporária* e seus elementos constitutivos podem ser notados ao longo de diversas páginas e documentos analisados como busco demonstrar aqui pelas referências. A diferença entre compreender a Ocupação de 2014 como invasão, como buscou o discurso da grande mídia¹³⁵ por meio da fala do reitor e de ocupação por parte dos(as) *Okupas*, parece ser a compreensão sobre o Anarquismo e sua História; para Ivan Camargo em sua entrevista “a descrição que se tem no ICC e as visitas que faço são de guerra civil”¹³⁶ - tal qual o paradigma hegeliano de história apontado por Bey.

Para a Ocupa¹³⁷ os motivos seriam a apatia política do Diretório Central Estudantil (DCE) - que estava sobre a gestão dos conservadores da chapa *Aliança Pela Liberdade* -, falta de atenção as necessidades estudantis por parte do corpo administrativo, repressão a autogestão dos centro acadêmicos e criminalização as demandas contrárias a deliberações da reitoria e suas instâncias. Aponta ainda a perseguição aos grupos que utilizam da *ação direta* e o silenciamento da crítica estudantil pela reitoria, reafirmam ser a motivação da ocupação a criminalização dos 8 estudantes pelo processo do “catraçaço” e dos Centro Acadêmicos e estudantes referenciados pelo processo dos *Happy Hours*. Esses processos no contexto de 2013, são frutos da luta da assistência estudantil e dos Centro Acadêmicos pelo direito a realização de eventos no campus pelos CAs - que estavam sobre (sob) ameaça de serem removidos do ICC nas instâncias da Universidade.

¹³⁵ Analisei a transição desse discurso ao longo das “Jornadas de Junho” de 2013 sobre o conceito de Black Block nas mídias no artigo: SANTOS, Yuri Barbosa. *As ideias libertárias ao longo da História e a insurreição social no contexto da Copa do Mundo de Futebol 2014.* 2013. Iniciação Científica. (Graduando em História) - Universidade de Brasília, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Programa Jovens Talentos. Orientador: Daniel Barbosa Andrade de Faria.

¹³⁶ Op. Cit., n.p.

¹³⁷ *PORQUE EU DEVO OCUPAR A REITORIA?*, 8 de junho de 2014. Disponível em <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/651442284938266/?type=3&theater>>, último aceso em 9 de novembro de 2016.

Na assembleia de 5 de junho - no início da tarde antes da Ocupação - com a presença de cerca de 300 estudantes, o entendimento seria de que a luta por direitos estaria sendo criminalizada. Ao fim da assembleia os estudantes saem em ato rumo à reitoria e são recebidos pelo reitor Ivan Camargo em um auditório, “após uma longa conversa o reitor se manteve intransigente com a manutenção dos processos e tomou uma atitude unilateral abandonando a reunião e com isso o diálogo. Revoltados os estudantes ocuparam o gabinete da Reitoria.”¹³⁸.

O texto continua informando que a reintegração de posse da justiça saiu na mesma noite da Ocupação do espaço, com a reitoria só entrando em contato para uma contraproposta no dia seguinte, não atendendo a demanda de arquivamento dos processos contra os estudantes. Em seguida convoca uma assembleia geral para 2 dias depois e convida “os estudantes, trabalhadores, movimentos sociais e demais apoiadores para comparecer à ocupação e fortalecer o movimento! PROTESTAR NÃO É CRIME! OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!”¹³⁹.

Após os cinco dias de *Zona Autônoma Temporária*, o segundo mandado de reintegração de posse levou os estudantes a decidir acabar com a Ocupação. Segundo entrevista naquele mesmo dia para Rede Globo, o reitor Ivan Camargo afirma que:

não há apoio nenhum, ninguém apoia isso. Meia Dúzia de encapuzados fascistas tentando tomar conta da universidade. Estamos em uma posição muito tranquila de resistência. A gente precisa se opor, mas a gente não pode se opor usando as armas deles, que são a violência. A gente não quer a presença da polícia. A gente quer usar música. A gente precisa de arte, cultura, academia e ciência.¹⁴⁰

A pauta de não perseguir os(as) estudantes foi substituída pela assinatura de um documento naquela mesma noite em que o reitor se compromete a reabrir as investigações sobre os processos dos “catraço” além de identificarem cinco estudantes da Ocupação como “líderes da invasão” convocando-os(as) a prestar esclarecimento em uma Vara Federal. Para se defender frente ao discurso da grande mídia e seus autores, o

¹³⁸ Ibidem, 8 de junho de 2014.

¹³⁹ Ibidem, 8 de junho de 2014

¹⁴⁰ *Alunos depõem à Justiça por invasão à reitoria da UnB; estudante fica nua*. 10 de junho de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/06/alunos-depoem-justica-por-invasao-reitoria-da-unb-estudante-fica-nua.html>>, último acesso em 1 de dezembro de 2016.

bando utiliza da *contra-net* para se comunicar com as outras *Utopias Piratas* - outras pessoas presentes na ocupação e rede de contatos aberta pela página de comunicação.

A *contra-net* também serviria como uma rede de comunicação entre os(as) *Okupas* e o mundo externo ao *bando*, um dos princípios do Anarquismo que pode contribuir nesse sentido é o *Apoio Mútuo* - popularizado por Kropotkin dentro da bibliografia baseada nos *Grandes Sábios*. Segundo a *Carta de Princípios do Coletivo Anarquista Luta de Classe*¹⁴¹ (CALC) formada em Curitiba a partir de 2008;

Apoio Mútuo é o princípio que orienta a relação entre indivíduos de uma mesma sociedade, que se apoiam uns aos outros através de suas aptidões e diferenças para garantir a sobrevivência, fortalecendo a solidariedade e a ação social existente nas lutas contra a opressão e a exploração, buscando relações fraternas.¹⁴²

A Ocupa publica em seu feed de notícias notas de apoio¹⁴³ de e para outros grupos: aos Estudantes com Necessidades Especiais e suas demandas de reforma e manutenção do espaço, alunos de intercambio do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)¹⁴⁴ que estavam com as bolsas atrasadas há 6 meses, ao projeto de extensão da Salsa na UnB que recebia ameaças de ser encerrado e páginas associadas ao perfil como Movimento Passe Livre (MPL), Movimento de Moradia da Região do Centro (MMRC), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Comitê Popular da Copa-DF (movimento contrário aos megaeventos da FIFA), Ocupação Vitória (Belo Horizonte), movimento Grevista do Metro de São Paulo e do movimento de greve do Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília (SINTFUB); contra sua criminalização.

A Ocupação também recebeu apoio de setores da universidade como professores e técnicos, o 4º Movimento de Ocupação por Moradia Estudantil da Universidade

¹⁴¹ *Carta de Princípios do Coletivo Anarquista Luta de Classe*, 19 de novembro de 2010. Disponível em: <<https://anarquismopr.org/tag/apoio-mutuo/>>, último acesso em 9 de novembro de 2016.

¹⁴² *Ibidem*, 19 de novembro de 2010.

¹⁴³ Essa é a rede de contatos no registro da página de comunicação, assim como outros elencados ao longo do texto.

¹⁴⁴ Criada em 1965 pelo Decreto Nº 55.613 revogado pelo Decreto Nº 7.948 de 2013. É destinada a estudantes estrangeiros por meio de oferta de vagas gratuitas em cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior do Brasil. A página registra um ato desses estudantes no dia 6 de junho de 2014.

Estadual de São Paulo (UNESP), campus Marília, lançou uma nota de apoio¹⁴⁵ a Ocupação na UnB e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O texto ressalta o contexto de mobilizações estudantis no país na luta por direitos para permanência na universidade pública e o questionamento sobre o “(...) uso privado das instituições públicas para atender os interesses das empresas multinacionais (FIFA, Coca-Cola, etc.) (...)”¹⁴⁶ ressaltando as remoções, repressões, espetáculo midiático-capitalista, lucratividade dos grandes empresários em prejuízo das massas de trabalhadores e o sucateamento dos serviços públicos durante os eventos. O contexto de greves em diversas categorias é ressaltado.

Outro apoio foi lançado pelo Comando Local de Greve dos servidores técnico-administrativos da UnB (CLG/SINTFUB)¹⁴⁷, o panfleto manifesta apoio a ocupação “contra ações de criminalização da Administração Superior da UnB às legítimas manifestações estudantis de cunho social.”¹⁴⁸, e continua, relatando a necessidade de combater as atitudes repressoras da administração, reforçando a necessidade de não se silenciar frente as posturas autoritárias e seus reflexos sobre os processos de transformação social na educação. Por fim reforça o livre direito de manifestação e a necessidade de banir os “resquícios da ditadura”.

A FOB lançou sua nota de apoio no dia 7 de junho¹⁴⁹, assinada pela Rede Estudantil Classista Combativa (RECC), Oposição Classista Combativa Independente ao DCE da UnB (CCI), Coletivo Lutas Sociais (Ciências Sociais, UnB), Coletivo Práxis (Filosofia, UnB) e Coletivo Tempos de Luta (Pedagogia, UnB). O panfleto narra o processo de ocupação e as ações do reitor, que visariam “garantir os interesses das empresas “gestoras” do RU”¹⁵⁰ e descreve o cenário dos trabalhadores que “por anos de

¹⁴⁵ *Comando de Ocupação/Moradia Estudantil. Unesp, Marília.* 8 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/651691051580056/?type=3&theater>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

¹⁴⁶ *Ibidem*, 8 de junho de 2014.

¹⁴⁷ *Comando Local de Greve, SINTIFUB-UnB.* 7 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/650604958355332/?type=3&theater>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

¹⁴⁸ *Ibidem*, 7 de junho de 2014.

¹⁴⁹ *Viva a justa ocupação da reitoria!*, 7 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/650600108355817/?type=3&theater>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

¹⁵⁰ *Ibidem*, n.p.

salários e direitos atrasados dos terceirizados, demissões sumárias de mais de 10 terceirizadas grávidas no ano passado (2013), perseguição política, não penalização a empresa pela falta de alimentos ou refeitórios fechados.”¹⁵¹. Com esse panorama o texto segue falando sobre como a “legalidade é chamada apenas para punir protestos”¹⁵², como os sofridos por estudantes e CAs.

Em seguida se direciona aos “burocratas” e segue falando sobre como “a greve dá prejuízo ao patrão, um fechamento de rua que atrasa a circulação de mercadorias, uma ocupação que paralisa um órgão (...)”¹⁵³. Termina justificando e legitimando a ocupação da reitoria, por meio da assembleia independente da direção do DCE: “vamos para a UnB com a justa ação direta de massas, esse é um momento ímpar para fortalecer nosso movimento por direitos e por liberdade!”¹⁵⁴.

A Pagina, ainda no sentido da *contra-net* - de contrapor o discurso oficial - (BEY, 1985), publica abertamente o diálogo com a reitoria¹⁵⁵, narrando a conversa com o Decano de Extensão. Foram feitas transmissões ao vivo via *Twitcam*¹⁵⁶: os momentos de reintegração, em que a câmera ficava virada para parede por motivos de segurança à espera da chegada das forças do Estado para reintegração de posse, e também uma roda de debate sobre gênero e sexualidade.

No sábado de 7 de junho a Ocupação organizou o evento *FDS da Ocupação!*¹⁵⁷ e uma programação foi publicada para o sábado e domingo na Ocupa. As atividades foram oficina de cartazes, agitação e propaganda junto aos vestibulandos, “Festival de Curtas” (audiovisual), Festival de bandas, DJs, oficina de Dança de Rua, oficina com o projeto de extensão “Salsa UnB”, uma reunião geral da Ocupação e por fim o Sarau da Resistência “Não vai ter reintegração!”.

¹⁵¹ Ibidem, n.p.

¹⁵² Ibidem, n.p.

¹⁵³ Ibidem, n.p.

¹⁵⁴ Ibidem, n.p.

¹⁵⁵ *RESPOSTA DA OCUPAÇÃO À REITORIA*, 8 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/651138241635337/?type=3&theater>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

¹⁵⁶ Servidor de transmissão de vídeo online.

¹⁵⁷ *FDS DA OCUPAÇÃO! UNB*, 7 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1424151877868997/>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

Além disso foram realizadas atividades espontâneas como a socialização durante apresentações musicais, durante confraternizações na cozinha e nos turnos da Comissão de Segurança noites adentro de uma reitoria que se fazia espaço para o que Bey narra nas *Zonas Autônomas Temporárias* em seu capítulo sobre a *Psicotopologia da Vida Cotidiana* como uma “psicologia da libertação”; que geraria o ambiente para formação do *bando*, e seu “padrão horizontal de costumes, parentescos, contratos e alianças, afinidades espirituais, etc.”¹⁵⁸.

Durante a Ocupação várias Cartas foram lançadas falando das exigências e do contexto. No dia 10 de junho de 2014 a Ocupação têm seu fim e um texto é publicado com o título de *Carta Aberta do Movimento de Ocupação a Comunidade Acadêmica*¹⁵⁹, nela o *bando* afirma ter aceito a proposta de reitoria que “garante, em princípio, o arquivamento dos processos movidos contra os oito estudantes que participaram dos “catraços” em 2013, contra os CAs, (...) bem como dos participantes da ocupação.”¹⁶⁰. Continua narrando uma reunião aonde a reitoria teria se negado durante todo o dia até ceder as demandas, continua afirmando uma “guerra psicológica, manipulação e terror conta o movimento estudantil.”¹⁶¹. Afirma a força coletiva do *bando* frente a suas conquistas feitas por meio de “organização combativa e independente do movimento estudantil (DCE e dos Partidos), e da disposição expressada pelos estudantes (...)”¹⁶².

Por fim, reforça a continuidade do processo de *bando* por meio de uma plenária marcada do *Comando de Mobilização Independente* que demonstra ser a continuidade das atividades dos e das *Okupas*. A Ocupação da UnB de 2014 é uma de muitas Ocupações que aconteceram antes, durante e depois daquele ano no contexto do Brasil e do globo em seus cinco continentes há pelo menos 150 anos como Anarquismo¹⁶³.

¹⁵⁸ Op. Cit., n.p.

¹⁵⁹ CARTA ABERTA DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO A COMUNIDADE ACADÊMICA, 10 de junho de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaounb/photos/a.650224541726707.1073741828.649994188416409/652785958137232/?type=3&theater>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

¹⁶⁰ Ibidem, n.p.

¹⁶¹ Ibidem, n.p.

¹⁶² Ibidem, n.p.

¹⁶³ CORRÊA, F.; SILVA, R. V., 2014.

É em meio a essa realidade social, econômica e cultural que a Ocupação da UnB em 2014 se constitui como um fenômeno representativo da TAZ, em que a *Utopia Pirata* se fez presente para os que ali viveram durante aqueles dias de construção de um *bando*, e como qualquer fragmento de tempo-espaço a TAZ deixa sua marca. Segundo Bey (2006), a anarquia:

(...) funcionou centenas de milhões de vezes. Funcionou em 90% da existência humana na Pré-História. E funciona até os dias de hoje entre as tribos de caçadores e coletores. Funciona em todos os grupos de "relações livres" listados acima, dos encontros ocultos às *tongs*. Funciona toda vez que você convida alguns amigos para um piquenique. "Funcionou" mesmo nas "insurreições que não tiveram êxito" como nos soviets de Munich e de Shanghai, na Baixa Califórnia em 1911, em Fiúme 1919, em Kronstadt 1921 e em Paris 1968. Funcionou nas comunas na Paris de 1870, nos enclaves Maroon e nas utopias piratas. Funcionou na antiga Rhode Island, na Pennsylvania, na Ucrânia, na Catalunha e em Aragão.¹⁶⁴

¹⁶⁴ Op. Cit., 39-40.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História no Anarquismo no Brasil, assim como no mundo, precisa ser aprofundada a partir de novas referências e documentos. A pouca bibliografia e invisibilidade frente ao eurocentrismo acadêmico perpetrado ao longo da história da educação do Brasil inviabilizam a exploração de muitas manifestações ligadas a cultura popular distantes dos braços do governo e da academia.

A TAZ dos Anarquistas demonstra ter elementos bem próximos das formas de organização dos subúrbios e interiores do Brasil contemporâneo em sua economia solidária e das táticas piratas e quilombola do passado. O princípio organizador anarquista como cultura libertária compartilhada e vivenciada é fenômeno global e cosmopolita. Congressos, feiras e encontros libertários acontecem em diversos lugares do mundo e movimentam essa História no Brasil.

A formação do *bando* dentro de uma *Zona Autônoma Temporária* é uma experiência libertária que tem em sua pedagogia da autonomia seu grande valor libertário, possibilitando um espaço de construção coletiva a partir de questões relevantes a pessoas. Sua História dá visibilidade a uma perspectiva de mundo esquecida por Historiadores(as) clássicos(as) e contemporâneos(as), buscar novos caminhos e uma maior diversidade de fontes e diálogos com o tempo-espaço libertário, seus autores, elementos e epistemologia própria é essencial para que se avance nos estudos sobre o Anarquismo.

O Anarquismo presente na TAZ e nessa *utopia pirata* é um dos fenômenos da História Contemporânea do Anarquismo e movimento libertário, nas escolas, institutos federais, departamentos, faculdades, câmaras legislativas, prefeituras e tantos outros espaços que estão ou já foram Ocupados durante 2016. Da mesma forma, devemos nos lembrar de grupos como o Movimento Insurgente Anarquista (MIA) que atuou em 2015 por meio da ação direta atacando uma agência bancária do banco ITAÚ em São José dos Campos no interior de São Paulo. Em Manifesto¹⁶⁵, o grupo declara aberta a

¹⁶⁵ *MANIFESTO* - *MIA*, 13 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://pastebin.com/HG843dSG>>, último acesso em 24 de novembro de 2016.

“temporada de caça aos parasitas”¹⁶⁶ em um contexto de crise econômica aonde os bancos, latifúndios, corporações e negócios continuariam a gerar lucro aos ricos “enquanto os de baixo carregam nas costas o peso dos ajustes”¹⁶⁷ justificando já que “se nos atacam, atacaremos de volta. Fazemos das bombas e sabotagens nossa única voz perante as injustiças que nos assola.”¹⁶⁸.

Grupos ainda em atividade como a *Federazione Anarquica Informale* (FAI) atuam por meio da ação direta em países como o Chile e vários países Europeus, só na Itália o grupo contabiliza mais de 50 ataques a bancos, empresários, polícia entre tantos outros representantes da autoridade do Estado e Capitalismo. As cartas bombas da Conspiração das Células de Fogo (CCF). No Oriente Médio a fronteira entre Síria, Turquia, Irã e Iraque a região de Rojava é zona de processo revolucionário e uma organização social com princípios libertários como anticapitalismo, antiestatismo, democracia de base e libertação das mulheres é acompanhada por brigadas como a Unidade de Proteção das Mulheres (YPJ¹⁶⁹).

Como apontado por tantas autoras e pensadoras, o Patriarcado propõe muitas representações sociais que mediam nossa realidade. As e os anarquistas constroem o Anarquismo, que como linha teórica, têm diversas referências femininas, não presentes nesse trabalho. Para além dos “sete sábios” é possível recuperar diversos nomes localizados entre o reconhecimento e o silenciamento, e talvez por isso, tão grandiosos e perigosos. Dentre eles, podemos citar: Emma Goldman (Escritora lituana, 1869-1940), o grupo *Mujeres Livres* que lutou durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a anarquista brasileira *Maria Lacerda de Moura* (1887-1945), a anarquista francesa das comunas parisienses *Louise Michel* (1830-1905) ou a professora anarquista romana *Luce Fabbri* (1908-2000).

A própria História do Distrito Federal, em sua ocupação territorial, teve fragmentos desse tipo de movimentação política, cultural e pedagógica. Muitas cidades tiveram como início de sua História, esse fenômeno que continua em até atualmente, Ocupações vivenciadas por grupos de pessoas motivadas pela necessidade de moradia.

¹⁶⁶ Ibidem, n.p.

¹⁶⁷ Ibidem, n.p.

¹⁶⁸ Ibidem, n.p.

¹⁶⁹ Disponível em: <<https://www.ypgrojava.org/>>, último acesso em 10 de novembro de 2016.

Em cidades como a Vila Tele-Brasília, os moradores que lá primeiro habitaram formaram uma associação de moradores, que, ao longo do tempo, garantiu o exercício desse direito de moradia, são marcas na memória dos moradores e moradoras que têm muita História para contar sobre seu movimento de resistência fundando a Vila.

Ampliar as fontes e materiais de referências assim como um maior intercâmbio dos núcleos e acadêmicos(as) - ou não - que estudam, pesquisam ou praticam o Anarquismo e suas manifestações libertárias é necessária para um aprofundamento dos temas pertinentes e perspectivas possíveis. Junto a isso, o resguardo da memória libertária está restrita a poucos grupos, o que dificulta o acesso e a manutenção desse resguardo de memória.

O estudo pode possibilitar novas perspectivas para um século que se faz multicultural e cosmopolita em seu fluxo de informações, cultura e pessoas. A liberdade é tema trabalhado desde o início da História da Humanidade, e vai continuar sendo enquanto pessoas continuarem a se reunir para pensar e viver fora do eixo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRUÉ, Jean; BAKUNIN, Miguel; NETICHAIEV; *O anarquismo hoje; A reação na Alemanha; Bakunin e Netchaiev; O Catecismo Revolucionário*. Lisboa: Cadernos Peninsulares, 1976.
- BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 2004.
- CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o Anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. 2012.
- COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense, 1985.
- KROPOTKIN, Piotr. *Anarquismo*. In: TRAGTENBERG, Maurício (org). *Kropotkin: textos escolhidos*. Porto Alegre: LP&M Editores, 1987.
- LUDD, Ned (Org.). *Urgência das ruas: Black Bloc, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*. São Paulo: Conrad Editora Brasil (Coleção Baderna). 2002.
- MORE, Thomas. *Utopia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NEIL, Alexander Sutherland. *Liberdade sem excesso*. São Paulo: IBRASA, 1967.
- NETTLAU, Max. *História da Anarquia*. 2 vols. São Paulo: Hedra, 2008/no prelo.
- RODRIGUES, Gabriela de Andrade. *Educação Anarquista em cultura visual*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.
- SILVA, Jorge E.. *O Anarquismo hoje. Uma reflexão sobre as alternativas libertárias*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- THOUREAU, Henry. *A Desobediência Civil*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.
- PASSETTI, Edson e AUGUSTO, Acácio. *Anarquismos & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação)
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PROUDHON, Pierre Joseph. *A propriedade é um roubo e outros textos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.
- THOUREAU, Henry. *Walden*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.
- VAGUE, Tom. *Televisionários*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
- VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e Anticlericalismo*. São Paulo: Imaginário, 2000.

Declaração de Autenticidade

Eu, Yuri Barbosa Santos, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA: ENTRE OCUPAR E INVANDIR A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA [2014].” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 17 de março de 2017.

Yuri Barbosa Santos